

3 - MAY 27
Copy 1960

EM PAZ E AMIZADE NA LUA E NA TERRA



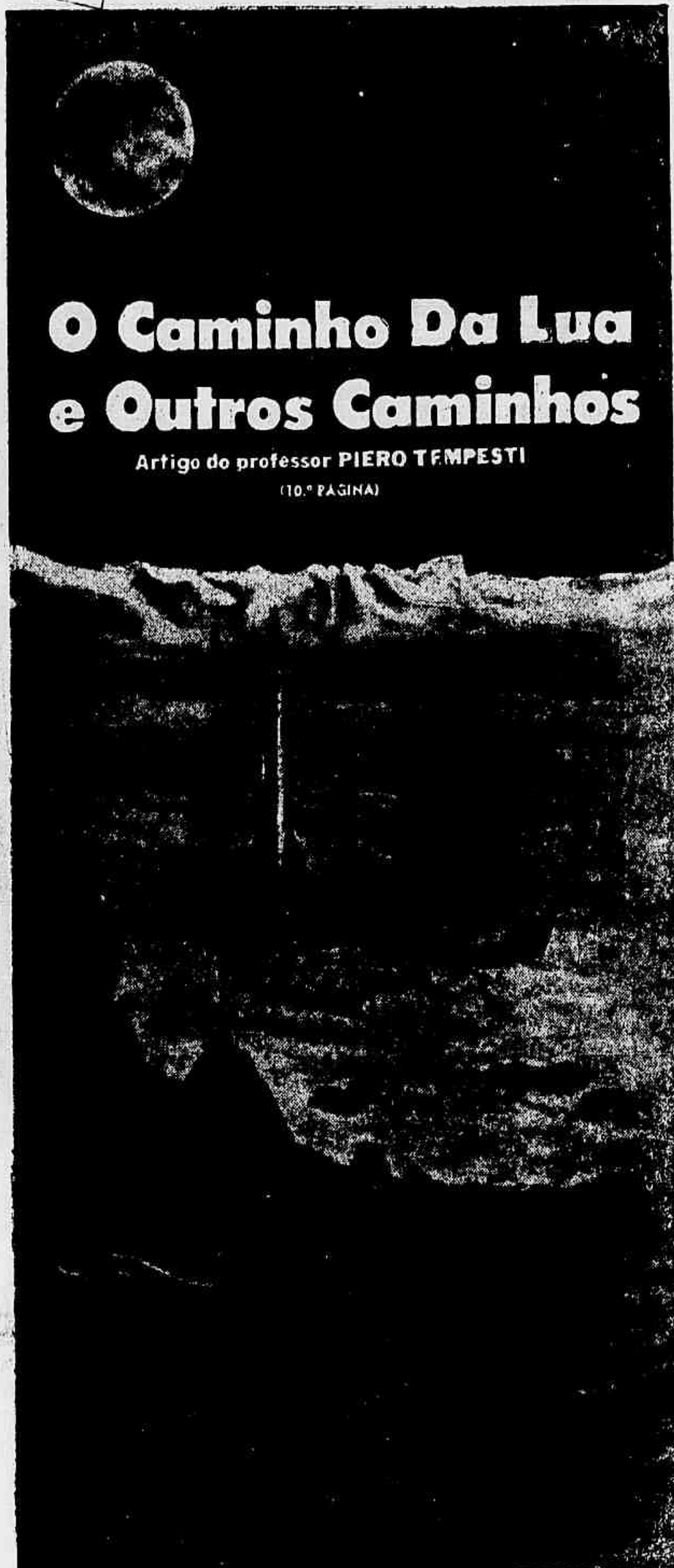
Noticiário, na
10.ª página,
sobre a
chegada de
Kruschiov
aos Estados
Unidos

ANO I — RIO. SEMANA DE 18 A 24 DE SETEMBRO DE 1959 — N.º 30

NOTICIÁRIO,
NA QUARTA
PÁGINA,
SOBRE O
LANÇAMENTO DO
FOGUETE
SOVIÉTICO
A LUA

NOVOS RUMOS

REDAÇÃO: AVENIDA RIO BRANCO, N.º 257 — SALAS 1711/1712



O Caminho Da Lua e Outros Caminhos

Artigo do professor PIERO TEMPESTI
(10.ª PÁGINA)

Foguete Soviético Logo Após o Lançamento

E O BRASIL?

O MUNDO ESTA VOLTADO PARA ELES

(Reportagem na 2.ª página sobre
a visita de Kruschiov aos EUA)

Dois acontecimentos empolgam a Humanidade: o lançamento com êxito do primeiro foguete à Lua e a visita do premier soviético Nikita Kruschiov aos Estados Unidos. Entre os dois fatos, saudados em todo o mundo com o mais caloroso e legítimo entusiasmo, há uma significação comum, de excepcional importância: são novos passos no sentido de assegurar aos homens a felicidade e a paz.

A extraordinária façanha da ciência soviética, fruto das conquistas até agora realizadas pelo gênio humano e do espetacular avanço que os 40 anos de socialismo possibilitaram à URSS, abre novos horizontes para o conhecimento e comprova que no País Soviético a técnica e a ciência estão voltadas antes de tudo para o progresso e a paz. Adquirindo sobre todos os demais países uma posição de inconfundível prioridade no que se relaciona ao domínio do espaço, não se prevalece a União Soviética dessa vantagem para ameaçar ou agredir a quem quer que seja. Muito ao contrário, estimula os seus sábios a enriquecerem com realizações sempre maiores o patrimônio cultural da humanidade e põe tôdas as suas grandiosas conquistas a serviço da mais nobre das causas: a paz mundial, a felicidade dos homens. O feito do Lunik II é o exemplo mais eloquente.

E' sob o signo desse triunfo que o primeiro-ministro Kruschiov realiza a sua visita de boa-vontade aos Estados Unidos. Estendendo a mão aos governantes norte-americanos, mostram os dirigentes da

URSS quanto é sincero o seu desejo de paz e quanto é firme a sua decisão de tudo fazer, a fim de que o entendimento e a colaboração entre todos os Estados se imponham sobre as desconfianças e a guerra fria. A iniciativa dessa visita e da que será feita por Eisenhower à União Soviética, permitindo que os chefes das duas maiores potências mundiais discutam pessoalmente os mais graves problemas da atualidade, pode com efeito significar o início de uma nova era nas relações entre os Estados — a era da coexistência pacífica, que afaste o sombrio espectro de novas guerras e aproxime fraternalmente as nações e os povos.

Quando tão promissoras são as perspectivas que este quadro indica, chega a constituir um motivo de humilhação constatar-se que o Brasil, em virtude da política seguida pelo Governo, se destaca pela ausência, pelo isolamento. Não importa que a ciência soviética, realizando façanhas que até há pouco podiam apenas ser sonhadas, projete o homem na conquista definitiva do espaço. Não importa tampouco que se encontrem amistosamente os chefes de Estado da URSS e dos E.E.U.U. num gesto que pode e deve representar um passo decisivo para a coexistência pacífica. Não importa: a tudo isto o Itamarati, das profundezas do obscurantismo em que se encontra e é mantido, responde com preconceitos que só não foram enterrados para sempre porque a política exterior do Brasil não é ainda orientada segundo (Conclut na Página 7)



OS CAMPONESES DE PERNAMBUCO QUEREM AJUDAR A INDUSTRIALIZAÇÃO DO ESTADO

Reportagem de CLODOMIR MORAIS



NAS CONDIÇÕES EM QUE VIVEM, OS CAMPONESES QUASE NADA CONSOMEM DOS PRODUTOS DA NOSSA INDÚSTRIA. LUTANDO PELOS SEUS DIREITOS E INTERESSES, PELA TERRA E PELO PRODUTO DO SEU TRABALHO, OS CAMPONESES LUTAM, AO MESMO TEMPO, PELA EXPANSÃO DO NOSSO MERCADO INTERNO, FATOR DECISIVO NO IMPULSIONAMENTO DO PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO DO PAÍS. (NA FOTO, UMA FAMÍLIA DE CAMPONESES DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO, PERNAMBUCO).

O DESPREZO AO MERCADO INTERNO

Essa tem sido uma tendência geral e que se acentua cada vez mais — é claro — nas regiões onde se processam os menores surtos industriais. Al temos a indústria do cimento que nasceu em nosso País em 1926 e que com bolas-de-sete-léguas avançou tanto que já é suficiente ao fraco mercado consumidor nacional.

Apesar de reconhecer as condições de subconsumo do mercado regional nordestino, a indústria do cimento nada tem feito no sentido de conquistá-lo. Antes o despreza a ponto de forçá-lo ao financiamento compulsório dos excedentes de produção. A situação em 1956 era a seguinte: o custo de produção do saco de cimento não chegava a 30 cruzeiros. Para vender esse produto no Rio Grande do Sul a 42 cruzeiros o saco, o industrial forçava o pernambucano a adquirir a mercadoria pela exorbitância de 90 cruzeiros.

Dir-se-ia que o surgimento de mais cinco fábricas de cimento no País, inclusive mais uma em Pernambuco, viesse, dada a concorrência, determinar uma redução dos preços do cimento. Mas, desde aquela época os grupos investidores já tomavam as primeiras medidas para proteger, não o mercado interno, e sim os novos excedentes de produção. Assim é que o Sindicato Nacional do Cimento se esforça desde 1956 por conseguir o financiamento da exportação dessa mer-

cadoria por parte de todo o consumidor nacional.

Essa tem sido, também, futuramente, a preocupação da indústria têxtil no País inteiro. Se continuar a política de desprezo ao mercado interno, veremos brasileiros seminus financiando os vestidos de algodão das Irrequietas moenhas que se acotovelam, todas às tardes, nas ruas centrais de Paris e Londres. Pois não é por acaso que o homem do nosso mocambo, no momento que dá a mão de cimento no ladrilho da porta, está ajudando os gaúchos a construir luxuosos apartamentos na Avenida Borges de Medeiros, em Porto Alegre.

Enquanto se desenvolve aquela errônea política que expressa o movimento do capital monetário no dizer de Ernest Wagemann, o governo federal nenhuma medida de base tem tomado no sentido de sustar o sensível empobrecimento das populações nordestinas cada vez mais crescentes. O pauperismo das populações nordestinas chegou ao ponto de se manifestar mais acentuado do que aquele que se evidencia no Paraguai, Equador e Ceilão, segundo se constata no «Report on Energy Requirements and Economic Growth, Productive Uses of Nuclear Energy», Washington D. C., agosto de 1955, publicação do «National Planning Association», que nos mostra as seguintes rendas:

Equador	US\$ 144
Paraguai	> 130
Ceilão	> 109
Nordeste	> 81

A um só tempo que diminui as rendas das nos-

tras populações, a drenagem das nossas reservas humanas que se dirigem todos os anos ao Sul do País mais contribui para a debilitação da economia regional. Só o Estado de Pernambuco tem quase meio milhão de naturais que residem fora de suas fronteiras, principalmente no Sul do País.

PRODUTIVIDADE E RENDA

As medidas que muitos têm sugerido para a solução dos problemas básicos regionais se situam no aumento da produtividade. Nesse diapasão não faltam os que propõem o aumento do trabalho da população ativa, o que corresponde ao insaciável desejo de se apressar mais ainda da força de trabalho que recebe baixa remuneração, sobretudo no Nordeste.

Esses propositos, da tese do aumento da produtividade da atual população ativa não procuram enxergar que se não se aumenta o montante da população ativa remunerada, o aumento da produtividade não expressará a melhor distribuição da renda social, na dinâmica do desenvolvimento industrial, se constitui mala-mestra.

Al temos apenas 31 por cento da população total exercendo trabalho normal remunerado. Os 69 por cento vivem sem nada produzir.

Em Economia Política como nas demais ciências a Lei é o fator permanente do fenômeno. Na industrialização de qualquer região esse fator permanente é o mercado con-

sumidor interno, e, por sua vez, esse mercado consumidor tem como fator permanente a melhor distribuição da renda. Em regiões eminentemente agrícolas como a nossa a distribuição da renda se prende às reformas do regime de propriedade e das relações de produção. E o que há de palpável, de concreto. O resto que se ajuntar como fundamental não passará de simples medida temporizadora, adiantamento, da solução do problema. Al está a Índia se debatendo (Economic Review n. 4) com sua industrialização por não ter encontrado consumidores suficientes nos seus 300 milhões de trabalhadores agrícolas esfratrapados, famintos por não ter terra para gerar renda e, por conseguinte, poder aquisitivo.

Sem reforma agrária e industrialização de Pernambuco e do Nordeste não passará de uma fraseologia corriqueira, fastidiosa, um tema como sempre, de comícios eleitorais.

Daí a intensa atividade do deputado Francisco Julião na organização dos camponeses pernambucanos. As chamadas «Ligas Camponesas», que cada dia mais se multiplicam, têm como fim principal ajudar a industrialização de Pernambuco. Fazem-no através da liquidação do latifúndio e da promoção do aumento da produção da lavoura de subsistência, da renda do trabalhador do campo.

Em próxima reportagem focalizaremos as Ligas Camponesas.

RELAÇÕES COM A URSS

Pronunciamento dos acadêmicos de Direito de São Paulo — Memorial do Paraná à Câmara dos Deputados

São Paulo (Da Sucursal) — Com mais de setecentas assinaturas, foi divulgado um Manifesto dos acadêmicos da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo pedindo o restabelecimento de relações diplomáticas e comerciais do Brasil com a União Soviética e demais países com os quais ainda não normalizamos nossas relações. O documento também convida a entidade máxima dos estudantes — o Centro Acadêmico XI de agosto — a tornar esse pronunciamento conhecido por todos os meios, notadamente através de conferências e debates em torno do assunto.

Os Acadêmicos da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo — diz o Manifesto — fiéis à sua tradição de lutar em favor de uma efetiva independência da política externa brasileira, imperativa a toda Nação soberana; atentos às aspirações e tentativas dos setores responsáveis do Governo conducentes a uma nova adequação das relações internacionais do Brasil; analisando a realidade econômica nacional e percebendo na expansão dos mercados um dos fatores capazes de solucionar a angustiante situação em que se debate o povo brasileiro, e, finalmente, considerando a nova realidade internacional que ensua entrar num período de distensão, após a troca de visitas dos responsáveis pelos destinos das duas maiores potências mundiais, vem manifestar, do público, seu apoio ao restabelecimento de relações diplomáticas e comerciais com a URSS e demais países com os quais não possui ainda relações dessa natureza, bem como exigir do Governo Central medidas concretas no sentido de tornar viável essa imposição do momento histórico que atravessamos.

DO PARANA

JANDAIA DO SUL (Do Correspondente) — Foi enviado, à Câmara Federal, um Memorial pedindo o restabelecimento de relações com a URSS. O documento, que recebeu apoio de dezenas de assinaturas de pessoas das mais diversas condições sociais, salienta as dificuldades em que se encontra o Norte do Paraná pela insuficiente escoamento da produção de café e mostra que a conquista de novos mercados será um passo indispensável para a solução do problema.

NOTA ECONÔMICA

Uma das mais graves consequências da divisão e da dispersão das forças nacionalistas certamente será a larga margem de ação, livre e desimpedida, que elas deixam ao imperialismo e aos aliados deste em nosso País. Dadas as possibilidades ainda relativamente limitadas da mobilização de forças, de que dispõe o movimento nacionalista, é ele forçado a concentrar sua ação em torno de um pequeno número de problemas e de reivindicações mais urgentes, e por isso deixa fora de sua mira um sem número de questões igualmente importantes e de fôcos de conspiração entreguista, onde novas e possivelmente mais desastrosas situações de fato vão sendo criadas em prejuízo da Nação. Isso é o que possibilita, por exemplo, a negociação e a conclusão dos acordos de Roboré, durante longos meses, sem que os responsáveis por essa verdadeira traição nacional, embora denunciados pelos comunistas, fossem seriamente embaraçados pelos setores nacionalistas do Governo, do Congresso, ou da imprensa; quando estes acordaram para a gravidade da questão, já os acordos haviam sido assinados, e por isso, se tornara bem mais difícil a luta contra eles.

Tudo faz crer que uma situação semelhante está sendo gerada agora, em torno disso que se convencionou chamar de «Mercado Comum latino-americano». Trabalhando na surdina, como convém a toda conspiração, os diplomatas do Itamarati vêm conduzindo a seu grado, sem serem sequer estorvados pela opinião nacionalista, as negociações em torno do assunto, e tudo indica que elas se aproximam de pontos conclusivos. Já se noticiou mesmo a assinatura, em Montevideu, de acordos que, na linguagem diplomática, seriam «um passo decisivo em direção do Mercado Comum», com

a participação do nosso País. Obviamente, o Itamarati não tomou a iniciativa de explicar para o Congresso, ou para a imprensa, o teor desses acordos. Mas, tampouco no Congresso foi formada, ou sequer pedida, uma Comissão para interperlar o Itamarati sobre a questão. Isso não se deve a que faltem razões para atribuir um caráter entreguista a essa nova articulação do Sr. Barbosa da Silva, no Itamarati; pelo contrário.

Apesar do silêncio dos diplomatas, um observador atento encontra farta literatura capaz de caracterizar o sentido dessas negocia-

e qualquer restrição que ainda seja feita à ação do capital imperialista norte-americano, de maneira a que este capital gradualmente passe a ter à sua disposição um mercado de 170 milhões de consumidores, e não mais apenas 20 pequenos mercados nacionais, separados por barreiras alfandegárias.

Apenas como exemplo, citamos um trecho do discurso pronunciado sobre o assunto pelo Diretor da CEPAL e conhecido agente imperialista, o argentino Raul Prebisch; na reunião desse órgão realizada no Rio de Janeiro, em novembro passado, disse ele: «Se o regime bi-

nos — disse ele — fracionados e divididos por extemporâneas barreiras alfandegárias — são um grande obstáculo aos investidores lanques e com a derrubada dessas barreiras, poderia crescer o fluxo de capital privado de risco, tecnologia e iniciativa para aquelas terras, pois ali vivem 170 milhões de pessoas, em terras que são inestimavelmente ricas em recursos naturais e potenciais».

O fato de que existe, em toda a América Latina, uma opinião pública francamente favorável à aproximação e união latino-americana resulta ainda em maior facilidade para essa conspiração pró-imperialista. Enquanto essa opinião pública pensa numa união de esforços da América Latina para resistir ao imperialismo lanque — o que é possível e desejável — a orquestração diplomática regida pela CEPAL capitaliza essa disposição favorável à união, mas procurando realizá-la de maneira a deixar a América Latina em posição ainda mais dependente e subserviente, em relação ao imperialismo «gringo».

Entretanto, uma reação já se faz sentir. Nos últimos dias, soube-se, por exemplo, que duas comissões do Senado chileno foram no Presidente da República de seu País — segundo telegrama da United Press — exprimir sua suspeita de que os acordos projetados para o «Mercado Comum» viessem prejudicar o desenvolvimento da indústria nacional chilena; um outro telegrama, da Associated Press, informa que o México, a Venezuela, Cuba e outros países, externaram preocupações semelhantes. O Brasil, no entanto, pela omissão dos nacionalistas nessa questão, ainda está atento do problema, e abandonado à ação antinacional do Itamarati.

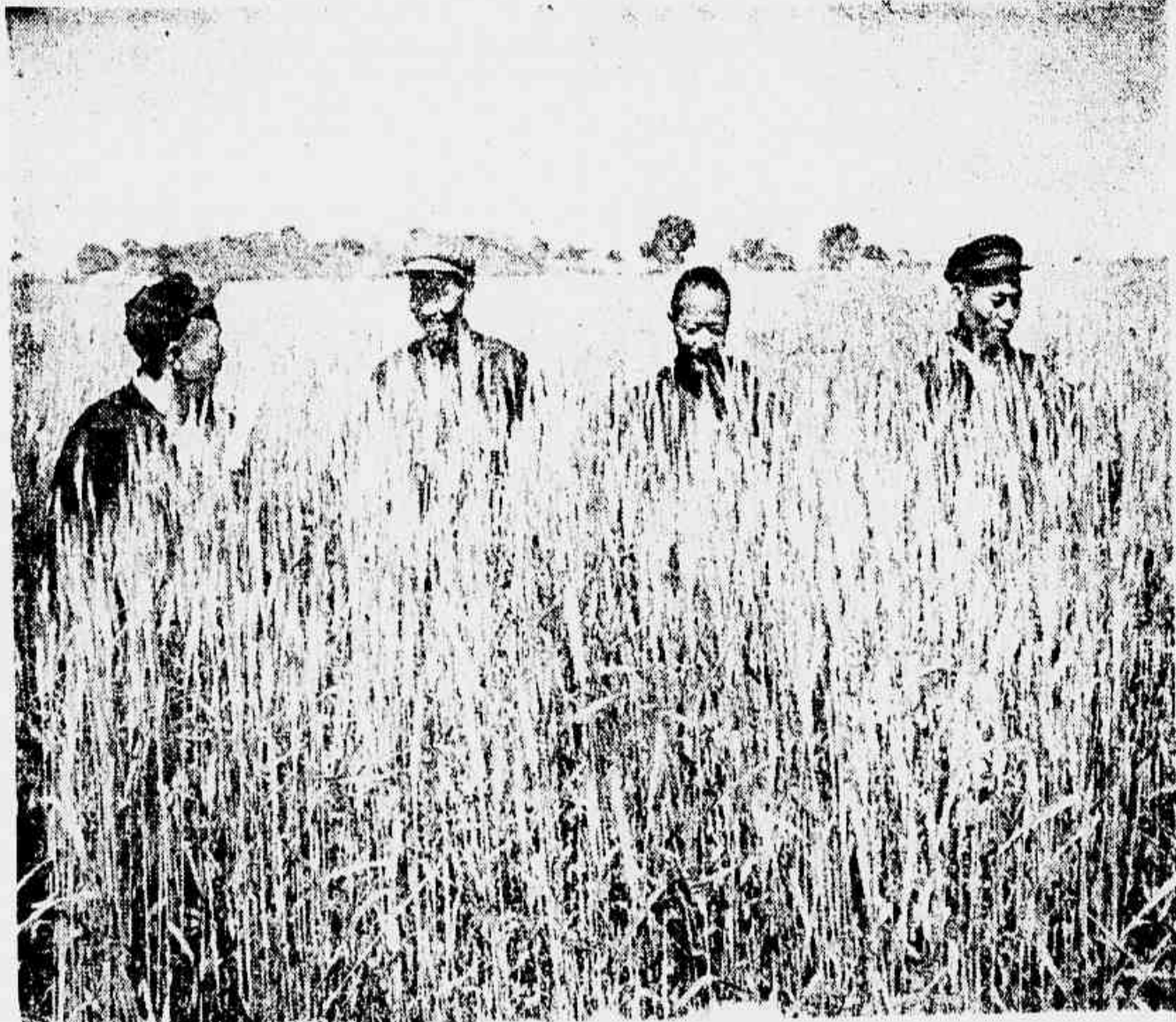
R. A.

"MERCADO COMUM": NOVA CONSPIRAÇÃO EM MARCHA

ções em torno do «Mercado Comum». Por um lado, tais negociações se inspiram claramente em formulações teóricas publicadas pela CEPAL; por outro lado, elas são constantemente encorajadas e insufladas, em pronunciamentos públicos, pelo Departamento de Estado de Washington e por representantes do capital monopolista norte-americano.

Deduz-se, em resumo, dessa literatura, que o Mercado Comum é uma tentativa de pôr em prática, em escala continental, as «recomendações» que o Fundo Monetário Internacional tem feito ao Brasil e, isoladamente, a cada país da América Latina: instituição do «livre-cambismo» e conseqüente derrubada de toda

lateral (de câmbio) começa a abrir-se (com o Mercado Comum), pouco a pouco, mediante certas operações multilaterais amplas e fluidas, essas operações poderiam estender-se até chegar gradualmente a cobrir todo o intercâmbio latino-americano». Por seu lado, um categorizado representante do capital monopolista norte-americano, o Presidente da Internacional Latex Corporation, Sr. A. N. Spanel, em artigo de exaltação ao projeto de «Mercado Comum», publicado na imprensa de seu País, não esconde os grandes benefícios que o imperialismo espera tirar da derrubada das barreiras alfandegárias internas na América Latina. Os mercados dos países latino-americ-



AGRICULTURA CHINESA -- A agrotécnica vem sendo empregada cada vez com maior sucesso na China Popular, sobretudo na cultura do arroz. As Comunas Populares terão na máquina agrícola o principal auxílio do incentivo da produção. Dele, os membros do campo vão de uma a outra região do país para conhecer a experiência local. Aqui vemos membros de uma delegação da China Central visitando um campo cultivado no nordeste na provincia de Wuhung.

O P.C. DA CHINA:

ALCANÇAR A INGLATERRA EM 10 ANOS EM VEZ DE 15

De 2 a 16 de agosto último, o Comitê Central do Partido Comunista da China realizou seu Oitavo Pleno (a oitava convocação). Dêle participaram 75 membros do Comitê Central e 74 candidatos a membros, além de 14 comitês responsáveis por órgãos centrais e comitês provinciais do Partido, comitês urbanos e de regiões autônomas.

O VIII Pleno discutiu detalhadamente a execução do Plano econômico para 1959, debateu atentamente a atual situação do país e traçou as tarefas do movimento pela melhoria da produção e observância do regime de economia e de superação dos índices deste ano do segundo plano quinquenal (1958-1962). As bases básicas do segundo quinquênio foram estabelecidas na primeira sessão do VIII Congresso do PC da China em setembro de 1956 e adotadas pelo Conselho de Estado em fevereiro de 1957.

NOVOS EXITOS

O Plano que se trata de realizar o Comitê do Partido Comunista da China constatou que, graças à efetivação por todo o Partido, e por todo o povo da linha geral do partido -- "impulsar todos os esforços, avançar decididamente, construir o socialismo segundo o princípio: mais, rapidamente, melhor e mais economicamente" -- no primeiro semestre deste ano, em todos os ramos da economia, continuou o avanço à base do "grande salto" de 1958 e foram conseguidos novos e enormes êxitos.

No primeiro semestre de 1959 a produção global de indústria, em relação à igual período do ano passado, aumentou de 65 por cento. Na agricultura, não obstante a redução da área plantada no inverno do ano passado, e das sérias inundações e secas, que atingiram várias regiões, a colheita média das culturas de verão aumentou um pouco. Cresceram também as exportações globais de trigo, arroz, algodão em relação ao ano passado, que foi um ano de ótima safra. O volume do comércio exterior aumentou de 23% em comparação com o primeiro semestre de 1958. Embora tenha crescido rapidamente o comércio varejista, mais rapidamente ainda ocorreu a capacidade aquisitiva da população, e em consequência observou-se no mercado determinado fenômeno abastecimento de uma parte notável de necessáries. Graças à adoção de uma série de medidas energéticas de caráter central e local, por um aumento geral da produção, acurridaria, gêneros alimentícios, artigos industriais de amplo consumo, artigos da indústria têxtil, bem como devido à entrada de cereais do mercado, a situação do abastecimento melhorou. Em conjunto a situação econômica do país no primeiro semestre de 1959 era boa.

A realização antecipada dos índices básicos do segundo plano quinquenal deve ser encarada como a principal tarefa deste ano.

ALGUMAS MODIFICAÇÕES

O VIII Pleno do Comitê Central do PC da China (da oitava convocação) fez uma revisão do plano econômico para o ano em curso e comprou que os índices de alguns aumentos nele previstos são um tanto exagerados e precisam ser devidamente corrigidos.

Uma rigorosa verificação demonstrou que os dados estatísticos divulgados anteriormente sobre o volume da produção agrícola em 1958 foram exagerados. A colheita abundante de 1958 foi realmente inédita na história do país. Devido à falta de experiência na elaboração de dados prévios por parte dos órgãos estatísticos, aqueles foram superestimados na maioria dos casos. A comprovação posterior demonstrou que a safra efetiva de cereais de 1958 totalizou 500 bilhões de "tan", isto é, aumento de 35% sobre a de 1957. A colheita de algodão foi 28% maior. Evidentemente, deu-se um grande salto.

SEPARAÇÃO NECESSÁRIA

Simultaneamente, dos 11 milhões e 80 mil toneladas de aço fundidas no ano passado, 3 milhões e 80 mil eram de aço obtido por métodos simples, aço destinado a satisfazer as necessidades do campo. O aço de boa qualidade, fundido segundo métodos modernos e destinado à indústria totalizou 8 milhões de toneladas, isto é, sua produção aumentou de 40 e meio por cento sobre a de 1957, quando se fundiram 5.350.000 toneladas. Levando-se em conta a situação relativamente tensa da força de trabalho na agricultura, este ano, recomenda-se que sejam resolvidos localmente os problemas da fundição de aço por métodos simples de acordo com a situação concreta de cada lugar sem que seja produzida destinada às necessidades locais seja incluída no plano de produção do Estado. Redução lenta foi tomada quanto à extração de carvão.

O VIII Pleno considerou que os 4 índices mais importantes -- os índices da produção de aço, carvão, cereais e algodão -- no ano corrente, devem ser revisados da seguinte forma: fundição de aço -- 12 milhões de toneladas; extração de carvão -- 325 milhões de toneladas; colheita de cereais e algodão (em relação aos dados verificadas da safra de 1958) aumentar de aproximadamente 10%.

CONTINUAÇÃO DO "GRANDE SALTO"

O VIII Pleno do Comitê Central declara que o Plano econômico ratificado para 1959 permanece como um plano de continuação do grande salto. A fundição de aço aumentará de 4 milhões de toneladas contra 8 milhões em 1957, isto é, crescerá de 50%. A extração de carvão se elevará de 66 milhões de toneladas sobre a do ano passado, aumentando portanto de 24%. O ritmo de produção de cereais e algodão ultrapassará consideravelmente o ritmo de crescimento médio anual do período do primeiro plano.

A execução do plano ratificado deste ano permitirá cumprir, superar ou aproximar da superação dos índices previstos para 1962 no segundo plano quinquenal na produção de aço, equipamentos mecânicos e elétricos, têxteis, cereais, algodão, etc. Desta forma, nos três anos seguintes, poderemos elevar consideravelmente os índices básicos para o segundo plano, liberar mão-de-obra para

reforçar alguns dos mais frágeis da economia e contribuir que em aproximadamente 10 anos possamos realizar o fundamental a palavra de ordem -- "alcançar a Inglaterra em 15 anos quanto ao nível de produção dos mais importantes artigos industriais". Poderemos também ultrapassar consideravelmente as posições básicas do plano de fomento da agricultura da República Popular da China em 12 anos (1956-1967), cuja execução estava prevista para 1967.

SITUAÇÃO INTERNA E EXTERNA

O VIII Pleno do Comitê Central da oitava convocação constatou que a atual situação interna e externa do país favorece a continuação do salto na economia nacional.

A situação interna se caracteriza pelo constante crescimento da produção industrial e agrícola, pelo ingresso das Comunas Populares na alçada na via do falecimento e de um formidável desenvolvimento, após as correções efetuadas nos últimos meses; pelo crescimento do entusiasmo criado das massas operárias e camponesas; pelo reforçamento da coesão do povo de nosso país e pelo desenvolvimento da ciência, da cultura e da instrução.

A situação internacional se caracteriza pelo fortalecimento diário das forças dos países socialistas tendo à frente a União Soviética, o reforçamento da unidade e a colaboração entre eles; o crescimento constante do movimento pela Independência Nacional e do movimento popular-democrático na Ásia, África e América Latina e a luta revolucionária dos povos de outros países capitalistas, enquanto crescem mais e mais as dificuldades internas nos países imperialistas e as contradições entre eles.

O Pleno dá seu inteiro apoio à União Soviética na Conferência de Genebra de Ministros das Relações Exteriores, e saudou o comunicado sobre a permuta de visitas entre os chefes de governo da União Soviética e dos Estados Unidos da América. O Pleno considera que isto contribuirá para o ulterior alívio da tensão internacional e a manutenção da paz no mundo.

TENDÊNCIA DE DIREITA

A reunião plenária do Comitê do Partido Comunista da China constatou finalmente o completo fracasso da repressão e ataques das imperialistas e seus seguidores contra a linha geral da construção do socialismo na China e em particular contra as Comunas Populares.

Assinala também que, atualmente, a principal ameaça à realização do "grande salto" na economia do país é a tendência oportunista de direita entre alguns quadros operários. Buxetizam excessivamente os centenas de milhões de trabalhadores, a intelectualidade revolucionária e o movimento de "grande salto" e pela criação das Comunas Populares, e superestimam alguns defeitos, rapidamente superáveis, existentes nestes dois movimentos e resultantes da falta de experiência. Eles não vêem que os êxitos em toda causa popular dirigida pelo Partido são o principal e os erros e debilidades o secundário, isto é, antes erros e debilidades são "um entre os 10 dedos".

DIVULGUE NOVOS RUMOS.

Nascem Uma Nova Bulgária

Esta mês o povo búlgaro festeja dois aniversários de sua história contemporânea: 15 anos da libertação da Bulgária do jugo nazista (9 de setembro) e 13 anos da proclamação da República Popular da Bulgária (15 de setembro).

Nestes três lustros depois da reconquista da liberdade, o povo búlgaro trilhou um caminho novo em sua existência: o caminho do socialismo. E neste rumo, conquistou vitórias que gerações sucessivas não puderam alcançar sob o regime anterior, quanto à melhoria de suas condições de vida.

1) QUAL ERA ONTEM

Até as péssimas da Segunda Guerra Mundial a Bulgária não contava entre os países verdadeiramente independentes e autônomos da Europa. A geografia ocidental a incluía simplesmente no "espino de polvo" dos Bálcãs, uma peça do complicado jogo de xadrez da diplomacia das potências imperialistas.

Explorado pelos capitais estrangeiros que dominavam as principais fontes de riqueza búlgara, o povo viveu em extrema pobreza. O país praticamente não tinha indústrias. Oitenta por cento da população ativa trabalhava na agricultura, e apenas pouco mais de 2% na produção industrial -- uma indústria leve de produtos insignificantes que não atendia às necessidades nacionais.

2) O COMEÇO DE UMA NOVA BULGÁRIA

Foi esse o ponto de partida para a construção da Bulgária socialista. O governo revolucionário que tomou o poder há 15 anos, entre as suas primeiras iniciativas em favor do grosso da população do país, decretou a reforma agrária. As grandes propriedades latifundiárias foram confiscadas e distribuídas entre os camponeses sem terra. Formaram-se cooperativas agrícolas de produção, que passaram a receber ajuda do Estado, em máquinas, implementos, inseticidas, adubos, etc.

Em um breve prazo, o progresso da agricultura búlgara dispensando mão-de-obra, favoreceu o salto industrial da Bulgária. Outras medidas revolucionárias vieram completar aquela: a nacionalização dos bancos e a reorganização do sistema bancário em 1947 e a nacionalização das indústrias e minas em mãos de particulares.

3) O PRIMEIRO PLANO

De 1949 a 1953 a Bulgária realizou o seu primeiro plano econômico, objetivando impulsionar harmonica-

mente todos os ramos da economia nacional. O plano quinquenal foi executado em aproximadamente 4 anos, tal o entusiasmo que despertou entre os trabalhadores das cidades e do campo. E a produção industrial, que em 1939 chegara com apenas um terço da renda nacional, já em 1956 contribuiu com mais de 70%.

A Bulgária havia transposto decisivamente os limites de um país essencialmente agrícola, para tornar-se um país agro-industrial.

Foram inventivadas as culturas mais valiosas, e hoje a parte dos cereais na economia agrícola corresponde a três quartos de toda produção nesse setor da economia.

Conseqüentemente, modificou-se a fisiologia da antiga aldeia búlgara. Numerosas pequenas centrais elétricas foram construídas e, hoje, moinhos e moinhos de adubos são estabelecidos.

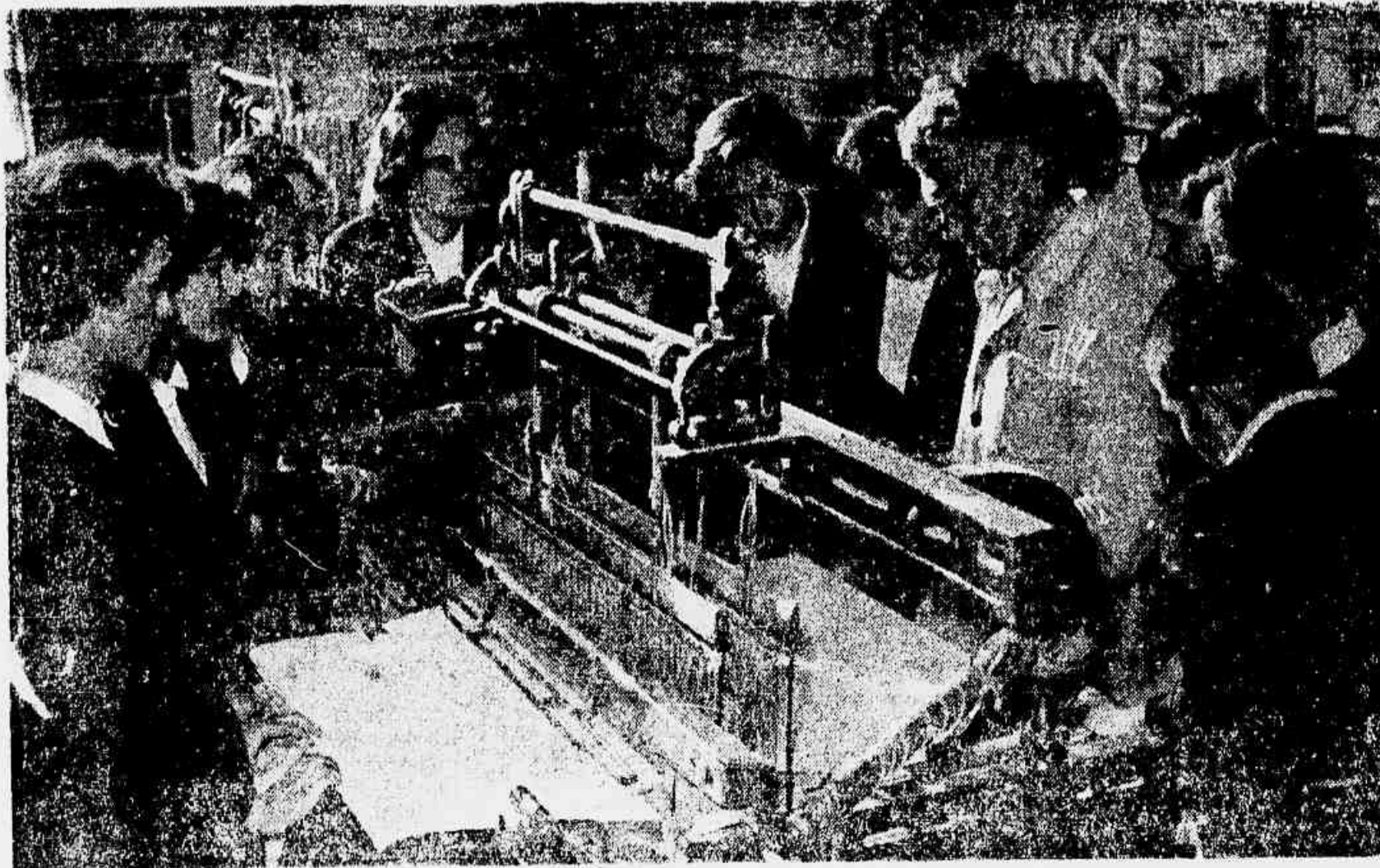
A NOVA BULGÁRIA

Estas mudanças no domínio econômico ofereceram ao povo búlgaro um nível de vida que ele jamais havia conhecido em toda a sua história. Desenvolveu-se a construção residencial, no sentido de proporcionar uma casa individual a cada família, assegurando a todos um mínimo de conforto. A instrução tornou-se obrigatória e gratuita em todos os graus, fez com que surgissem na escola necessáries engenheiros, agrônomos, técnicos, especialistas para todos os ramos da produção. A Bulgária, que tinha apenas 9.900 estudantes de cursos superiores antes da guerra, já em 1955 contava mais de 37.000 na sua respectiva população de menos de 8 milhões de almas.

É justo que o povo búlgaro se orgulhe de suas conquistas num tão breve espaço de tempo. E com isso se congratulam, neste aniversário de sua libertação, e da proclamação da República Popular, todos os povos que amam a liberdade, inclusive o povo brasileiro.

BULGÁRIA -- Dados gerais

- Superfície: 111.100 quilômetros quadrados.
- População: 7.600.000 habitantes (1956).
- Libertação do jugo fascista alemão: 9-IX-1944.
- Proclamação da República Popular da Bulgária: 15-IX-1946.
- Ingresso na ONU: 14-III-1955.



Parte integrante do programa de transformação da Bulgária num país socialista, é a instrução geral e obrigatória, hoje uma realidade, tanto nas escolas como nas fábricas. A juventude universitária búlgara combina os estudos com a prática nas empresas, onde toma conhecimento do funcionamento de máquinas modernas. Um exemplo é a foto que aqui reproduzimos: uma aula prática para alunos das escolas técnicas secundárias na empresa "Vasil Koralov, Sofia.

Kruschiov Em Washington: EM PAZ E AMIZADE NA LUA E NA TERRA



LEONID SEDOV — O nome deste cientista é um dos mais projetados nestes dias com o sucesso do foguete lunar soviético. Sedov é presidente da Federação Internacional de Astronáutica e da Academia de Ciências da URSS. Em entrevista coletiva à imprensa no dia 14 de setembro, Sedov esclareceu, a uma pergunta de jornalista estrangeiro, que a União Soviética não tem qualquer reivindicação de direito a soberania sobre a Lua. Aliás, semelhante idéia só podia surgir em certos meios do Ocidente, onde se cogitaria de semelhantes direitos, no caso de ser outro país o primeiro a atingir a Lua.

O chefe do governo da União Soviética, Nikita Kruschiov, chegou terça-feira, às 12.28 (hora local) no aeroporto militar Andrews, próximo a Washington, sendo recebido pelo presidente Eisenhower.

O gigantesco avião Il-14 em que viajou Kruschiov fez em vôo direto (sem escala) o trajeto entre Moscou e a capital dos Estados Unidos.

Contra todos os prognósticos anteriores das notícias telegráficas americanas, mais de 200 mil pessoas receberam o chefe do governo da URSS.

FALA EISENHOWER

Saudando Kruschiov, o presidente Eisenhower disse: «Espero com imensa satisfação as conversações que teremos juntos, embora não negociemos nenhum assunto que afete os interesses de outros países, confio em que uma plena e franca troca de opiniões sobre muitos temas possa contribuir para melhor compreensão de ambas as partes sobre os proble-

mas internacionais pendentes. Nosso propósito comum deveria ser sempre uma paz universal, justa e duradoura».

FALA KRUSCHIOV

O Presidente do Conselho de Ministros da URSS respondeu calorosamente à saudação de Eisenhower. Lembrou que os dois grandes países — URSS e EUA — foram aliados na Segunda Guerra Mundial contra o fascismo alemão. E acrescentou: «Em condições de paz, temos ainda melhores motivos e possibilidades de cooperação amistosa entre os povos de nossos dois países».

Kruschiov lembrou a seguir o êxito do foguete lunar que acaba de ser disparado pela União Soviética, e disse: «Pouco antes de nos reunirmos aqui convusco, sr. Presidente, os cientistas, engenheiros, técnicos e operários soviéticos nos encheram o coração de alegria com o lançamento do foguete lunar. Assim foi aberto um caminho da Terra à Lua, e atualmente está no saté-

lite um recipiente de 390 quilos com o símbolo da União Soviética... Estou convencido de que este histórico acontecimento, conseguido por nossa ciência amante da paz, é motivo de satisfação não só para o povo soviético mas para todos os que prezam a paz e a amizade entre as nações».

Kruschiov lembrou também o lançamento do primeiro quebra-gelo atômico, que nestes dias entrou em experiência na URSS, numa demonstração de que a URSS utiliza a poderosa energia do átomo para fins pacíficos.

O líder soviético terminou oferecendo a Eisenhower, como um símbolo dos desejos de paz do povo soviético, uma miniatura do galhardete da bandeira soviética da foice e do martelo conduzida pelo foguete lunar, e que, disse, lá espera o foguete americano. «Não temos a menor dúvida — acrescentou — que os esplêndidos homens de ciência, engenheiros e trabalhadores dos E.E.U.U. também colocarão seu próprio ga-

lhardete na Lua. E o soviético, como velho habitante da Lua, lá dará as boas vindas ao vosso e ambos conviverão em paz e amizade, como nos devemos viver aqui na terra, como devem conviver em paz e amizade todos os povos que habitam a mãe comum, a Terra, que tão generosamente nos favorece com suas dádivas».

CONFERENCIARAM

Logo depois da chegada de Kruschiov, foi ele recebido na Casa Branca

pelo presidente Eisenhower, iniciando-se as conversações entre os dois estadistas. Passaram em revista as relações entre os dois países e trocaram opiniões gerais sobre problemas internacionais. Concordaram quanto à linha geral de suas conversações posteriores, após o retorno de Kruschiov de sua excursão pelo País. Entre 25 e 27 de setembro, em Camp David, Estado de Maryland, Kruschiov e Eisenhower prosseguirão suas conversações.

O Caminho Da Lua e Outros Caminhos

(Artigo do professor PIERO TEMPESTI, do Observatório de Teramo, transcrito da revista italiana "Vie Nuove")

Com a introdução do motor a reação, o conceito segundo o qual eram impossíveis as viagens interplanetárias foi superado. Mas ainda são enormes as dificuldades técnicas que precisamos vencer, antes da realização do empreendimento. Para que o foguete lançado à Lua não volte à Terra é preciso que a certa ponto de sua trajetória atinja a determinada velocidade. Essa velocidade diminui na medida do crescimento da distância atingida pelo foguete. Por exemplo, a 600 quilômetros de distância, para que o foguete não volte à terra, é preciso que tenha uma velocidade mínima de 7,5 quilômetros por segundo; se a velocidade oscila entre 7,6 e 10,7 quilômetros por segundo, o foguete começará a girar em torno da terra numa órbita elíptica, isto é, entra em órbita, como se costuma dizer. Não deveria cair mais. No entanto, a distância em que os satélites até agora lançados têm entrado em órbita não há um vazio perfeito, mas existe ainda uma atmosfera, embora muito tênue, que com seu atrito leva o satélite a de novo ir descendo, até dissolver-se nas camadas mais densas. Atingida a velocidade de 10,7 quilômetros por segundo, o foguete não mais volta à terra, mas dispõe da energia suficiente para se afastar da terra, infinitamente, nos espaços cósmicos. Esta velocidade chama-se velocidade de fuga, ou velocidade cósmica. Na superfície da Terra a velocidade cósmica é de 11,2 quilômetros por segundo, mas, como dissemos, os foguetes não atingem a velocidade de fuga senão quando chegam a altura notável. E esta velocidade é mais baixa (velocidade cósmica secundária).

Aos foguetes imprime-se inicialmente uma velocidade moderada, de sorte que possam superar, sem que se dissolvam, as camadas mais baixas da atmosfera; depois, ao impulso do gás de combustão, a velocidade vai num crescendo até que, a notável distância da superfície da Terra, atinge a velocidade de fuga, compatível com aquela distância.

Faltou ao Pioneiro, lançado pelos americanos no último outono, o impulso de gás, quando ainda não fôra atingida a velocidade de fuga. Por isso, necessariamente, deveria cair. Cesado o impulso, o Pioneiro prosseguiu por inércia, diminuindo sempre sua velocidade, até que recomeçou a cair sobre a Terra. Havia percorrido pouco mais de 100 mil quilômetros, isto é, uma terça parte da viagem. Sua velocidade máxima foi pouco inferior à de fuga. Poucas centenas de metros a mais por segundo seriam suficientes!

No entanto, imprimir esse pequeno incremento de

velocidade é muito difícil. Sobretudo é preciso explorar ao máximo a combustão, reduzindo-se ao mínimo suas perdas inevitáveis. Torna-se por isso necessária uma grande perfeição de controle nos aparelhos que comandam a ascensão tempestiva dos vários estádios ou o regime de combustão.

Segundo os comunicados expedidos, o primeiro foguete lunar lançado pelos cientistas soviéticos superou a velocidade de fuga e também a brevidade do tempo empregado no percurso, o que faz pensar que a velocidade de fuga tenha sido superada em larga margem.

O segundo do sucesso pode residir no fato de que o engenho possuía um cé-

rebro eletrônico muito mais perfeito que os conhecidos até agora, de sorte que a utilização do combustível tenha sido muito mais perfeita que a dos foguetes americanos. Naturalmente o foguete foi lançado na direção do oriente, de modo a aproveitar também o impulso da rotação da Terra. E como o impulso da Terra, no caso da União Soviética, é tanto maior quanto mais ao sul, certamente a base do lançamento se encontra numa das regiões mais meridionais da URSS, na Transcaucásia ou nas Repúblicas da Ásia Central. Assim, os soviéticos podem ter juntado «grátis» ao foguete cerca de 0,4 de quilômetros de velocidade por segundo.

Para atingir a Lua não

é necessário que os motores forneçam energia em todo o percurso de 385 mil quilômetros de viagem, e sim para 300 mil quilômetros apenas. De fato, a distância de cerca de 90 mil quilômetros da Lua o foguete entra na esfera de atração lunar e cede à lei de gravidade. A viagem se faz então do seguinte modo: primeiro, ao impulso de gás o foguete aumenta sua velocidade até atingir a velocidade de fuga (e esta parte da viagem dura poucas dezenas de minutos); depois, consumido o combustível, o foguete perde pouco a pouco a velocidade até atingir a distância de 90 quilômetros da Lua, iniciando aí sua queda sobre este astro, naturalmente em velocidade acelerada.

Mas o engenho ao penetrar na esfera da atração lunar ainda dispõe de uma velocidade residual sufici-

(Conclui na 3.ª página)

A Igreja Sauda o Êxito Do Foguete Lunar Russo

O foguete soviético pousou sobre o Mar da Tranquilidade, na Lua — declarou o diretor de um dos mais importantes observatórios astronômicos do mundo, o de Jodrell Bank, da Inglaterra, dr. Lovell.

Os cientistas soviéticos solicitaram ao observatório de Londres que lhes enviasse todas as informações que seu gigantesco telescópio tivesse ouvido sobre o foguete lunar — acrescentou Lovell. Considera-se possível que esse telescópio tenha sido um dos únicos no mundo a observar o foguete pousando na superfície da Lua.

Ainda segundo dr. Lovell, o foguete foi provavelmente munido de um aparelho automático que o guiou durante a última fase de sua viagem. Um gráfico elaborado pelo famoso Observatório londrino prova que realmente o foguete soviético caiu na Lua. O gráfico foi traçado pelo dr. J. G. Davies, encarregado de seguir as trajetórias no Observatório, com a ajuda de informações fornecidas pelo foguete quando este se aproximava da superfície lunar. A curva obtida pelo dr. Davies, afirma o Observatório, prova-se a menor dúvida que o foguete realmente atingiu seu objetivo.

O cientista inglês qualificou de «espantosa» a precisão com que os soviéticos atingiram a Lua. «Seu êxito — disse — demonstra de modo brilhante o avanço soviético nos domínios científico e tecnológico. O espírito recua diante de sua capacidade de guiar um objeto como esse num trajeto de 400 mil quilômetros».

SAUDAÇÃO DO VATICANO

O jornal "Osservatore Romano", órgão oficial do Vaticano, saudou o feito soviético do lançamento do foguete lunar. Qualificou-o de «uma conquista da humanidade».

"A IGREJA SE CONGRATULA"

O arcebispo de São Paulo, Dom Carmelo Mota, declarou: «A Igreja se congratula sempre com o progresso da ciência e, sob esse aspecto, é realmente grandioso o feito soviético com o lançamento de um foguete à Lua. Não podemos avaliar as consequências que possa ter, do ponto de vista político interna-

cional, o feito soviético. E coisa que só o futuro dirá. Em todo caso podemos dizer que os sábios que realizaram esse grandioso feito têm razão de sobra para curvar os joelhos em agradecimento a Deus, que lhes deu inteligência e os recursos materiais para esta sua vitória, ou melhor, para esta vitória, porquanto ela não é só deles, mas de toda a humanidade. Oxalá isso seja motivo para que se alcance uma paz universal, ao invés de provocar uma nova guerra entre as Nações».

DO "DIÁRIO DE NOTÍCIAS"

Em sua coluna «Momento Internacional», o «Diário de Notícias» do Rio (16-IX) assim viu o sucesso soviético ao atingir a Lua:

O lançamento do «Lunik II», com a precisão assinalada imediatamente por todos os cientistas, constitui uma grande vitória de toda a humanidade (...). Temos contudo o mérito específico dos russos e que não deve ser diminuído a não ser pelos que queiram não ver as realidades e manter-se no mundo do omnisismo. «Enquanto uma certa parte da sociedade norte-americana se preocupa com lucros, conforto elevado até a patologia, «estrélas» de cinema, «base-ball», carros com lataria em tinteicolor, prazeres fáceis e não trabalho e estudos difíceis (...), os russos fizeram do trabalho uma mística, da luta contra os subdesenvolvidos, em todos os domínios, uma idéia quase religiosa; deram aos cientistas honras que nunca tiveram no Ocidente, puseram à sua disposição todos os meios e todas as verbas, estimularam o seu esforço, dignificaram a sua missão». «É inútil, e certamente ridículo, querer dizer que foi o trabalho escravo que produziu os «Sputniks» e depois os «Lunik». O trabalho escravo não produz obras de tanta perfeição».

FALA VON BRAUN

O cientista alemão Von Braun (paralelo americano), encarregado do programa de foguetes dos Estados Unidos, opinou que mesmo se a União Soviética parasse suas experiências de foguetes interplanetários hoje, os Estados Unidos só poderiam alcançá-la dentro de dois ou três anos.



ALEXEI POKROVSKI, cientista soviético no domínio dos foguetes cósmicos, passeia com três dos cães (Málichka, Linda e Kozíánya) que já subiram várias vezes aos espaços estratosféricos dentro do plano de experiências realizadas pelos soviéticos para os vôos interplanetários. Estes três cães subiram num foguete a mais de 100 quilômetros (foto TASS).

O CAMINHO DA CONQUISTA DA LUA



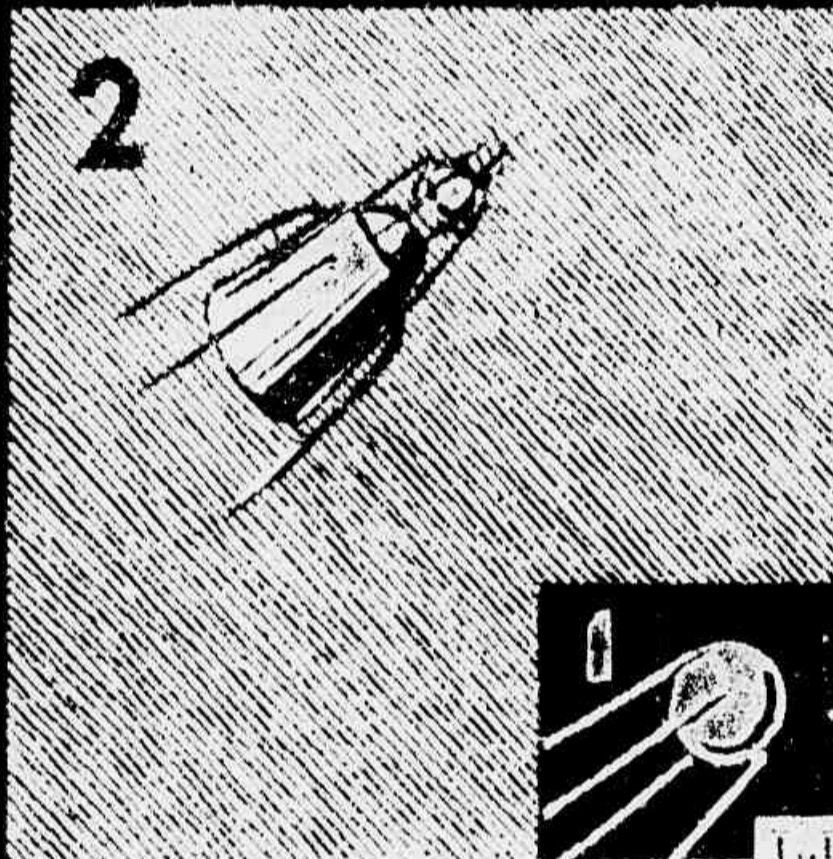
A PRIMEIRA ETAPA —

As duas faces da medalha que reproduzimos aqui assinalam o grandioso feito da União Soviética a 4-X-59, quando lançou o primeiro satélite da Terra, o qual abriu caminho para esta nova e maravilhosa conquista: a chegada à Lua do primeiro projétil partido da Terra.



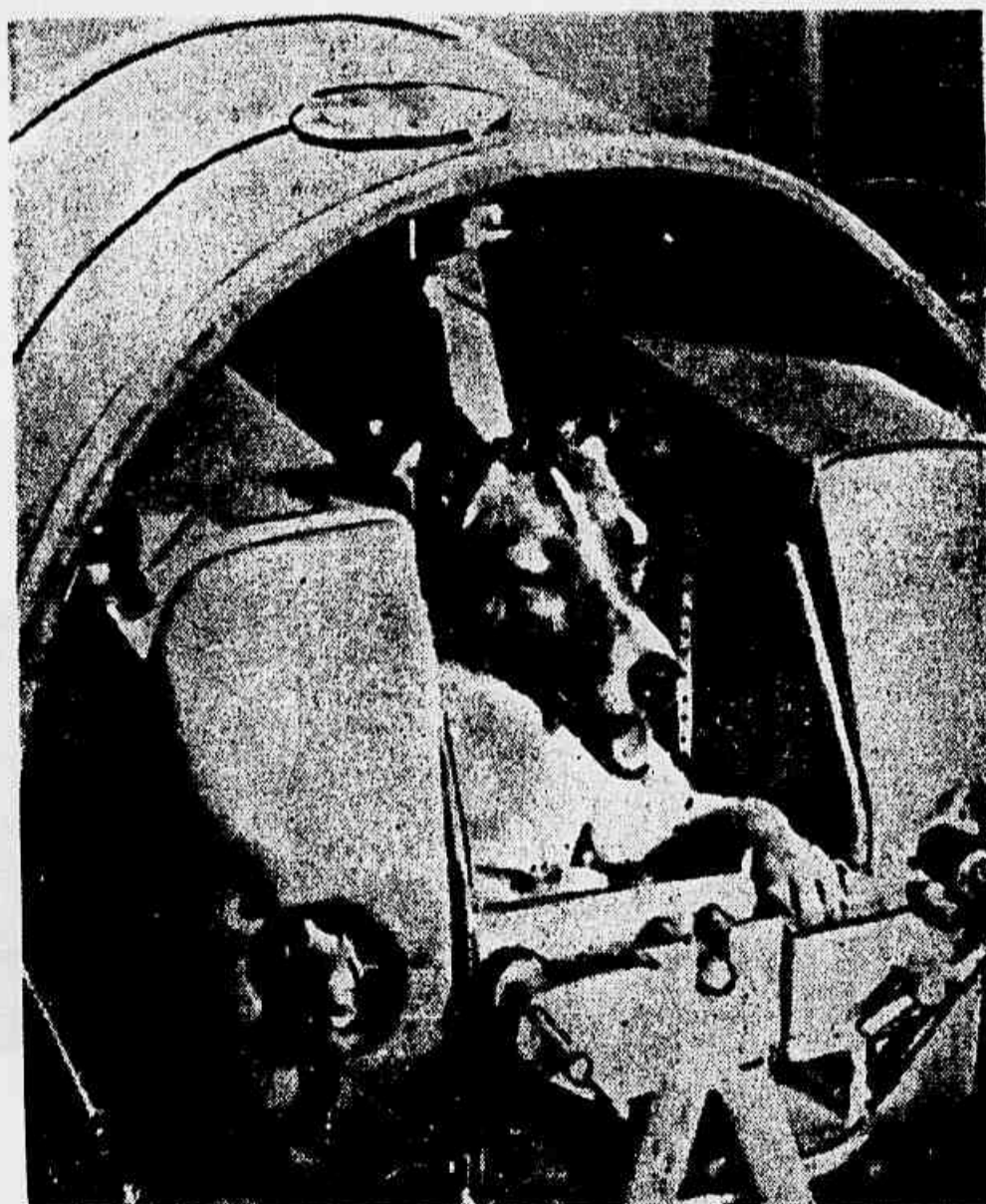
UMA COMPARAÇÃO —

É bastante ilustrativo comparar o satélite soviético (o primeiro) e o satélite americano (do ponto-de-vista da energia que possuem depois de lançados à órbita. Se tomarmos por 100 unidades a energia mecânica do primeiro satélite soviético, a do segundo seria 633 e a do terceiro 1.671 unidades. Enquanto a energia completa dos satélites americanos primeiro e terceiro (Explorer) seria de 18,2 e a do segundo (Vanguard) seria apenas de 2,1 unidades. Já o primeiro satélite soviético tinha energia equivalente a 10 trens de 1,150 toneladas cada um em movimento a uma velocidade de 80 quilômetros por hora. (Foto TASS).



CHEGOU À LUA — Foi precisamente uma cápsula deste tipo que os soviéticos enviaram à Lua pela primeira vez, em princípios deste ano. Era o primeiro foguete lunar. Seu modelo, que vemos aqui, encontra-se na Academia de Ciências da URSS. (Foto TASS).

RECIPIENTE DE INSTRUMENTOS — Em cada satélite ou foguete lançado pela URSS parte considerável de seu peso é constituído por instrumentos destinados a estudos os mais diversos: a reação do organismo dos animais (como no segundo Sputnik e em alguns foguetes) em elevadas altitudes a velocidades cósmicas; o estudo dos raios cósmicos e fenômenos que ainda não estavam devidamente esclarecidos pela ciência antes da era dos sputniks. Na foto (TASS) vemos um desses recipientes exposto pela Academia de Ciências da URSS na Exposição Nacional inaugurada na primavera deste ano em Moscou.



A 2.ª FASE —

Esta foi outra fase importante dos experimentos soviéticos nas altas camadas da atmosfera: o lançamento de foguetes com animais. Destina-se a observar como reagem os seres vivos na cabina fechada num vôo cósmico. Os sábios soviéticos possuem uma grande soma de dados neste sentido, objetivando os vôos interplanetários pelo homem. Na foto, LAIKA, o primeiro passageiro cósmico, na cabina hermética, antes de instalada no Sputnik II.



O PRECURSOR

Tsiolkovski foi o precursor dos foguetes interplanetários. O sábio russo dedicou grande parte de sua vida, na segunda metade do século passado, ao estudo dos vôos cósmicos, desenhando os mais audaciosos e mais exeqüíveis (para a nossa época) tipos de foguetes. Na URSS, ao ser lançado o primeiro sputnik, a 4 de outubro de 1957, foi cunhada uma medalha em honra a Tsiolkovski.





SUPLEMENTO — Não pode ser vendido separadamente

O Movimento Operário

e

a Política Sindical

Dos

Comunistas

SITUAÇÃO DO MOVIMENTO SINDICAL NO BRASIL

1) — O movimento operário brasileiro vem se caracterizando, nos últimos anos, pelo recrudescimento das lutas da classe operária por melhores condições de vida e trabalho, assim como pelos progressos efetuados no sentido da unidade sindical. No curso dessas lutas, os trabalhadores deram importantes passos para o fortalecimento de sua organização. Entre 1952 e 1958 o número de sindicatos cresceu de 1.096 para 1.552, e o número de Federações de 49 para 67. Os funcionários públicos, à base de uniões e associações, organizaram 12 Federações Estaduais e a sua Confederação Nacional.

Atuando dentro da estrutura sindical existente, os trabalhadores criam formas de organização intersindical que contribuem para reforçar a unidade da

classe operária e dar maior vigor a suas lutas. Constitui um fator positivo a participação das Federações e Confederações, principalmente da CNTI, nesse processo de unificação do movimento operário. Assinala-se, ao mesmo tempo, uma aproximação maior dos sindicatos da massa de associados, através da instituição dos delegados e conselhos sindicais nas empresas, bem como delegacias sindicais nos bairros e ao longo das vias férreas.

Nos últimos meses de 1958, as reuniões conjuntas de dirigentes sindicais dos Estados do sul do país, do Distrito Federal e de São Paulo, e dos Estados do Norte e Nordeste, marcaram novas e importantes iniciativas dos trabalhadores com o objetivo de ampliar sua unidade de ação e alcançar a unidade orgânica do movimento operário.

Gracias à unidade e à organização do movimento sindical, os trabalhadores puderam obter em 1958 uma série de vitórias como o reajustamento de salários, numa escala que vai de 15 a 60% em grande parte das corporações profissionais; a aprovação do novo salário mínimo pelo governo; a prorrogação pelo Parlamento da vigência da lei do inquilinato e a rejeição do projeto que visava majorar os aluguéis; a ampliação da democracia sindical; a aprovação pela Câmara do projeto de Lei Orgânica da Previdência Social e do projeto que regulamenta o direito de greve.

A experiência dos últimos anos demonstra que os trabalhadores, utilizando os direitos assegurados pela Constituição da República e pela Legislação Trabalhista vigente, podem não só obter vitórias de caráter estritamente

sindical como influir nos rumos políticos do país. Ao participarem do movimento nacionalista, as organizações sindicais contribuem para o fortalecimento da frente única nacionalista e democrática. O proletariado se esforça por assumir seu papel de vanguarda, lutando ombro a ombro com todas as forças antiimperialistas e democráticas e desenvolvendo significativamente, no curso dessa luta, sua consciência política.

Nas eleições de 3 de outubro de 1958, a classe operária contribuiu com seus votos para fortalecer as bancadas nacionalistas nas assembleias legislativas de diversos Estados e do Parlamento Nacional, assim como para a eleição de governadores apoiados por forças nacionalistas. As vitórias obtidas sobre os grupos reacionários e entreguistas em alguns Estados abriram novas possibilidades para o movimento sindical e para as lutas patrióticas e democráticas.

Multiplicam-se, de outro lado, os esforços para estreitar os vínculos de solidariedade entre o movimento operário brasileiro e o movimento operário internacional. Aumenta a participação de representantes do movimento sindical brasileiro nos congressos e conferências sindicais mundiais, crescem nas assembleias sindicais as manifestações de solidariedade aos trabalhadores de outros países atingidos pela repressão das forças reacionárias.

2) — O movimento sindical apresenta também deficiências que o impedem de desempenhar um papel mais decisivo na vida nacional. Sua principal debilidade continua a ser a fraca participação das massas nas organizações sindicais. Ainda é diminuto o número de associados nos sindicatos em relação aos efetivos da classe operária e, dentre eles, a maioria não participa da vida sindical, sendo muito restrito o comparecimento às assembleias. A participação das massas ainda é menor no que concerne aos jovens e às mulheres.

O movimento sindical continua subordinado ao Ministério do Trabalho e sofre a interferência da burocracia ministerial, que decide sobre as impugnações das eleições sindicais e a posse das diretorias eleitas, julga as previsões orçamentárias dos sindicatos e a validade legal dos movimentos grevistas, mantendo sob o enquadramento sindical todo o movimento operário. Essa situação intolerável coloca na ordem-do-dia

a luta pela liberdade e autonomia sindical.

Por seu caráter exclusivamente vertical, a estrutura sindical existente determina que continuem organizados separadamente os trabalhadores da indústria, do transporte e do comércio. Essa estrutura dificulta a unidade de ação e orgânica do movimento sindical, o que exige a luta pelo seu aperfeiçoamento e sua democratização.

Outra lacuna do movimento sindical é a fraca organização dos assalariados agrícolas, que dificulta sua luta pela concretização dos direitos já instituídos em lei e pela ampliação de tais direitos. Sem mobilizar e organizar os trabalhadores agrícolas, o movimento sindical não poderá intervir com todo o seu potencial na vida política do país.

Persiste, além disto, a tendência de alguns setores da classe operária a considerar suas lutas como «coisa à parte», desligada da luta conjunta do proletariado. O espírito estreito de corporação é alheio aos interesses da classe operária, dificulta o processo de unidade de ação e de organização do proletariado, devendo ser tenazmente combatido.

São também débeis ainda as ações de solidariedade à luta dos trabalhadores e dos povos de outros países.

Apesar das insuficiências e defeitos existentes no movimento sindical o proletariado vem obtendo êxitos na luta por melhores condições de vida e trabalho. Nessa luta se fortalece a unidade e a organização sindical e eleva-se a consciência de classe do proletariado.

3) — À medida em que se aprofundam os conflitos entre o imperialismo e a burguesia brasileira esta sente a necessidade de apoiar-se na classe operária para enfrentar o capital monopolista estrangeiro. Ao invés da repressão pura e simples do movimento sindical, os capitalistas nacionais procuram utilizar-se das organizações operárias e colocá-las sob sua influência.

Ao fazer face à pressão imperialista e defender interesses econômicos nacionais, a maior parte da burguesia adota posições que coincidem com os interesses da classe operária, lutadora mais conseqüente pela emancipação do país e pelo progresso social. Mas a burguesia participa do movimento nacionalista com objetivos de classe diferentes dos objetivos do proletariado. É necessário, por isso, que a classe operá-

ria, ao mesmo tempo que se alia à burguesia na luta contra o inimigo da nação, tenha plena consciência da oposição entre os seus interesses e os interesses da burguesia e mantenha uma posição independente.

Aspirando a estabelecer seu completo domínio sobre a vida nacional, a burguesia pretende dirigir e moldar segundo seus interesses os movimentos patrióticos e democráticos, particularmente o movimento operário. Trata de formar quadros que possam dirigir o movimento sindical numa política de colaboração de classes, de «paz social» entre operários e patrões. Através do Ministério do Trabalho e de outros órgãos patronais, tenta inculcar nos trabalhadores a idéia de que os sindicatos são «órgãos de colaboração com o governo». Prega os princípios de submissão da «Rerum Novarum» e procura induzir os trabalhadores a acreditarem que, em benefício do progresso geral do país, é preciso cessar a luta de classes. Esforça-se, enfim, por descaracterizar os sindicatos como instrumentos da luta de classes e por transformá-los em órgãos de beneficência e assistência social. Essa posição da burguesia se reflete na ação dos partidos políticos, de numerosos parlamentares, de alguns dirigentes das organizações sindicais de grau superior e de intelectuais burgueses e pequeno-burgueses.

Os imperialistas norte-americanos, por sua vez, tratam de criar também seus quadros dirigentes «operários», tendo em mira paralisar o processo de unidade e organização da classe operária, impedir a elevação da consciência de classe do proletariado e sua participação ativa na frente nacionalista e democrática. Através da CIO-SL e da ORIT, organizam nos Estados Unidos cursos de formação de líderes sindicais, oferecendo bolsas de estudo com este fim. O conteúdo fundamental desses cursos é o anticomunismo sistemático, o apoliticismo dos sindicatos, a apologia do chamado «capitalismo popular» e a pregação das vantagens da luta puramente econômica.

O processo de unidade e de organização do movimento operário, de formação de sua consciência revolucionária, realiza-se através da luta contra as tentativas para submeter o movimento sindical à influência das forças reacionárias e dos elementos patronais.

Apreciação Crítica Da Atuação Sindical Dos Comunistas

A partir da resolução sobre «A unidade e a organização da classe operária» (1952), que introduziu correções importantes em nossa orientação sindical, os comunistas têm contribuído mais efetivamente para o fortalecimento da unidade e da organização do proletariado e para a elevação de sua consciência política, fortaleceram suas posições nos sindicatos e ampliaram sua influência no movimento operário. São êxitos que devemos valorizar.

Entretanto, na atuação sindical dos comunistas se refletem ainda os erros da orientação política anterior que vem sendo

crítica e superada a partir da Declaração de Março de 1958.

Como decorrência do sectarismo dominante por muitos anos em suas fileiras, os comunistas mantiveram, no fundamental, uma atitude falsa para com as conquistas parciais da classe operária. Diante da Consolidação das Leis do Trabalho e das instituições de previdência social, adotávamos, em geral, uma atitude puramente crítica. Não obstante as classes dominantes terem apresentado essas conquistas como «adávias» à classe operária, elas foram obtidas, na realidade, através de duras e prolongadas lu-

tas. Constituem, em que pesem seus lados desfavoráveis, importantes êxitos do movimento operário que nos cabe defender e aperfeiçoar. Entre os comunistas se firmou a idéia falsa de que dar atenção às leis trabalhistas, à previdência social, às cooperativas, etc., constituía sintoma de tendência reformista e oportunista. O resultado dessas concepções «esquerdistas» é que hoje, entre nós, pouco se conhece a legislação do trabalho, o sistema previdenciário e o cooperativismo.

A atitude sectária e negativista face às conquistas da classe operária impediu e ain-

da impede que utilizemos apropriadamente tais conquistas a fim de ajudar o movimento operário a fortalecer-se e obter novas vitórias. Ainda hoje não cuidamos suficientemente das questões ligadas ao cooperativismo, subestimamos as eleições para os conselhos fiscais das instituições de previdência social, não lutamos com a necessária energia pelo gozo dos direitos consignados em lei, muitos dos quais permanecem como letra morta.

A concepção errônea que medrou entre nós sobre o papel das massas e do indivíduo na história contribuiu para a subestimação do trabalho com as massas, em geral, e do trabalho sindical em particular, e para a superestimação do trabalho de cúpula em detrimento do trabalho de base. A atividade nos sindicatos passou a ser realizada, em grande parte, pelos chamados especialistas do trabalho sindical. O centro de gravidade da ação dos comunistas repousava nas frações e seções sindicais, o que contribuía para desligar as bases de empresa da atuação junto à massa operária. Ainda hoje os comunistas permanecem em grande parte na atividade de cúpula, não aproveitam as liberdades democráticas existentes para ir às massas e organizar o movimento sindical nas fábricas. As organizações de base e os comunistas em geral não são orientados e ajudados suficientemente para realizar o trabalho nos sindicatos e é, por isso, pequeno o número de camaradas que nêles atuam. Os comunistas não conhecem satisfatoriamente a vida e os problemas dos operários nas empresas e, em consequência, nem sempre levantam com justiça as reivindicações locais. Educados numa orientação «esquerdista» e habituados a trabalhar com «poucos mas bons» não aprendemos ainda a trabalhar com as grandes massas, onde estão as massas, de acordo com o seu nível de consciência e de organização e qualquer que seja a ideologia predominante no seio das massas em dado momento. Trabalhar somente com os que pensam de acordo com os nossos pontos-de-vista é tarefa de seita. Os comunistas são uma força política, e a verdadeira política só começa quando afeta e mobiliza milhões.

A atitude negativista dos comunistas em relação à estrutura sindical vigente conduziu-nos, por muitos anos, à aplicação de uma fracassa política visando organizar,

sob a bandeira da CTB, um movimento paralelo aos atuais sindicatos, o que acarretou reveses à classe operária e um grande desgaste de nossas forças. Ainda agora alguns comunistas resistem a atuar nos quadros da estrutura sindical existente, principalmente nas Federações e Confederações, numa atitude sumamente prejudicial ao movimento operário. O caminho para melhorar a composição das organizações de grau superior não consiste em manter atitude negativa diante delas, mas em eleger para esses órgãos operários provados por sua dedicação à causa do proletariado e exigir dos dirigentes que cumpram suas obrigações.

Nossa compreensão sobre o problema da unidade sindical ainda encerra elementos de sectarismo. Até recentemente não dávamos a devida importância à existência de outras forças políticas e correntes de opinião no movimento sindical. Atualmente, ainda se verifica entre alguns comunistas a tendência a realizar uma política em grande parte exclusivista e a desprezar a democracia sindical. Pretendem por vezes uma unidade que representaria, na prática, a subordinação mecânica de outras correntes às palavras-de-ordem dos comunistas. Essa atitude tem causado prejuízos à unidade do movimento sindical. De outro lado, são alcançadas vitórias sempre que realizamos uma política unitária, sem exclusivismo partidário, tanto nas eleições sindicais como nas conferências, congressos e movimentos reivindicativos.

Em certa medida, a conquista de postos nas direções sindicais ainda é vista por alguns comunistas como um fim e não como um meio que possibilita a mobilização, a organização e a unidade dos operários. É freqüente vermos camaradas, uma vez eleitos para as direções dos sindicatos, passarem a atuar de forma burocrática e rotineira. Alguns contribuem para transformar o sindicato, de organização de luta da classe operária, capaz de forjar sua consciência de classe, em mera organização beneficente. Os sindicatos não podem, entretanto, confundir-se com instituições de previdência social. A atividade dos sindicatos no terreno da assistência social é admissível como um instrumento para atrair, organizar e educar a massa operária, para fortalecer os sindicatos e torná-los capazes de lutar melhor por seus objetivos específicos.

Outro erro que persiste é a subestimação pelos sindicatos pequenos. Se bem que devamos concentrar o trabalho nos sindicatos mais importantes, devemos ter em conta que, nas eleições para os órgãos de grau superior, todos os sindicatos votam em pé de igualdade. Se queremos contribuir para democratizar as direções das Federações e Confederações, precisamos dar maior atenção aos sindicatos pequenos, cujas representantes constituem a maioria dos votos nos conselhos dessas organizações. Além disso, esses sindicatos, em seu conjunto, podem congregiar grande número de trabalhadores e contribuir para reforçar a organização e a unidade da classe operária.

Embora a constante em nossa atuação continuem a ser as tendências sectárias, manifestam-se em muitos casos tendências oportunistas de direita. Alguns camaradas interpretam falsamente a formulação de que a contradição entre o proletariado e a burguesia não exige uma solução radical na etapa atual e concluem que os comunistas devem desempenhar uma função apaziguadora, amortecedora, diante das lutas da classe operária. Aos comunistas, como vanguarda da classe operária, cabe colocar-se à frente da luta pelas reivindicações vitais dos operários, dos camponeses e das massas trabalhadoras, embora tais reivindicações não recebam o apoio dos setores da burguesia que participam do movimento nacionalista.

Revela-se também a tendência oportunista a reduzir o movimento sindical à luta pelas reivindicações imediatas e de caráter exclusivamente profissional, isolando-o da luta política do povo brasileiro pela emancipação nacional e o progresso do país, pelas liberdades democráticas e pela paz mundial.

Outros camaradas perdem o equilíbrio ao analisar autocriticamente nossa errônea posição anterior em relação às leis trabalhistas e à atual estrutura sindical. Transformam-se em apologistas dessas instituições, quando elas apresentam graves defeitos que devem ser superados.

A luta pela aplicação da nova orientação política e sindical dos comunistas exige o combate aos desvios de direita e, fundamentalmente, o combate ao sectarismo, às concepções «esquerdistas», que têm entre nós raízes e tradições mais profundas.

Orientação e Tarefas Dos Comunistas No Movimento Sindical

Da tarefa principal e permanente do movimento comunista consiste em unir e organizar a classe operária, elevar sua consciência e dirigir sua luta, para que ela possa desempenhar sua função dirigente na sociedade brasileira. A classe operária desempenhará um papel cada vez mais importante na vida política do país na medida em que fortalecer sua unidade sindical.

Os comunistas não estão sós no movimento sindical, nem podem assumir uma atitude de exclusivismo partidário. Há numerosas tendências entre os operários, muitos pensam diferentemente dos comunistas, mas todos precisam unir-se para que a classe operária se fortaleça. Os comunistas consideram que os sindicatos não devem ser postos a serviço de objetivos que dividem os

operários. Ao contrário, devem ser instrumento de união dos trabalhadores de todas as tendências na luta por suas reivindicações. Com tal compreensão, os comunistas se esforçam por cumprir o papel de iraca-de-união entre as diversas correntes atuantes no movimento sindical e para arregimentar nos sindicatos os trabalhadores ainda desorganizados, que constituem a maioria. A união dos trabalhadores de orientação comunista, trabalhista, socialista, católica e dos trabalhadores sem filiação partidária, é a arma principal de que dispõe a classe operária para lutar por seus interesses.

A unidade sindical só pode ser alcançada através da unidade de ação dos trabalhadores em torno das reivindicações comuns e mais sentidas, por mais elementares que

sejam. A fim de obter essa unidade de ação, é necessário utilizar as conquistas da legislação social vigente e procurar concretizá-la e aperfeiçoá-la, influyendo sobre o Parlamento com a pressão de massas para conseguir a aprovação de novas leis. Os comunistas atuam, por isso, nos marcos da estrutura sindical e observam a Consolidação das Leis do Trabalho, procurando dentro da lei organizar e unir os trabalhadores na luta por suas reivindicações econômicas, sociais e políticas.

A unidade só pode ser conseguida em bases sólidas e duradouras se o movimento sindical contar com a participação ativa das massas trabalhadoras, se não for um movimento apenas de cúpula. Uma permanente preocupação dos comunistas deve ser, portanto, o fortalecimento dos sindicatos, a ampliação de seus quadros, a realização de

campanhas de sindicalização, bem como as iniciativas capazes de atrair os sindicalizados inativos para a vida sindical. Entre estas iniciativas destaca-se a criação de comissões para o estudo e defesa dos mais variados interesses operários, tais como a previdência social, a higiene e segurança do trabalho, os salários profissional e família, a escola móvel. Comissões semelhantes podem ser criadas para a luta contra a carestia da vida, pela democratização dos órgãos governamentais de controle dos preços, para a estatística de custo de vida, assim como para o incentivo ao esporte, à recreação, à cultura, à arregimentação dos jovens e mulheres. A fim de atrair as mulheres à vida sindical podem ser criados cursos de corte e costura, de culinária. São úteis os cursos do SENAI e SENAC, destinados a elevar o nível profissional dos trabalhadores. Os cursos organizados pelo Ministério do Trabalho, pelo Sesi e outras instituições, com o objetivo de difundir a Consolidação das Leis do Trabalho e alfabetizar os operários, devem ser utilizados, lutando-se simultaneamente contra os seus aspectos negativos como a pregação da "paz social", etc.

A organização dos trabalhadores nos próprios locais de trabalho nas empresas, é o passo decisivo para estreitar os laços entre os sindicatos e a massa de associados. Com a criação de delegados sindicais nas fábricas e nas secções, de delegacias sindicais nas cidades do interior e nos bairros das grandes cidades, os sindicatos promovem reuniões nas empresas e bairros e se ligam à massa de sindicalizados.

Uma preocupação constante dos comunistas deve ser a organização sindical das categorias de trabalhadores ainda desorganizados. Neste sentido merece atenção especial a criação dos sindicatos de assalariados agrícolas que constituem cerca de 4 milhões de trabalhadores praticamente privados de organização. Os sindicatos urbanos podem desempenhar um papel saliente na sindicalização dos trabalhadores do campo, criando deste modo condições favoráveis à aliança entre os operários e os camponeses.

Os comunistas atribuem importância a todas as formas de organização dos trabalhadores. Diante do desenvolvimento do cooperativismo no movimento operário, devemos dedicar a esse movimento a atenção que merece e participar dos esforços para a sua ampliação. Simultaneamente, devemos impulsionar a luta pela democratização das instituições de previdência social, para a eleição de delegados eleitores honestos e de representantes operários nos conselhos fiscais. A maior atenção deve ser dada igualmente à eleição dos vogais operários juntos à Justiça do Trabalho. Neste sentido é necessário lutar pela eleição direta dos vogais à Justiça do Trabalho, pelos sindicatos.

A realização dos congressos sindicais de setores profissionais, de âmbito estadual ou nacional, vai formando nos trabalhadores o sentido da unidade do movimento sindical, e as resoluções aprovadas nesses conclaves constituem um fator de dinamização do movimento operário. Os comunistas continuarão a estimular a organização de congressos, conferências e outras formas de encontro entre as entidades sindicais, incentivando a luta pela vitória de suas resoluções.

Os comunistas devem conceder a maior

atenção ao fortalecimento das federações e confederações sindicais, atuar nesses organismos e participar das eleições para a sua direção, tendo em vista ligá-las mais estreitamente aos sindicatos e melhorar sua ação em prol dos interesses operários. De acordo com as condições do movimento operário em cada Estado, região ou setor profissional, devemos contribuir para organizar novas federações estaduais, regionais e nacionais de setores profissionais ou ecléticas. Do mesmo modo devemos ajudar a criar novas confederações, como prescreve a Consolidação das Leis do Trabalho.

A experiência demonstra que o movimento sindical se desenvolve à medida em que se fortalece a unidade de ação dos trabalhadores nos sindicatos, federações e confederações. Devido à inexistência de uma estrutura sindical de tipo horizontal, os pactos, comitês e outras formas de acordos intersindicais desempenham importante papel na coordenação das lutas do proletariado que abrangem mais de um setor profissional, e na realização de congressos e conferências sindicais. Tais formas de acordos intersindicais não podem, porém, ser colocadas em contraposição à atual estrutura sindical existente no país, nem servir de pretexto para desviar o movimento sindical dos sindicatos, federações e confederações. Ao contrário, os diversos tipos de pactos intersindicais, para cumprirem plenamente seu papel unitário, devem contribuir, sem qualquer exclusivismo, para que sejam encontradas as formas de organização que permitam coordenar melhor o movimento operário dentro da estrutura sindical legal. Atuando dentro da estrutura sindical vigente, o proletariado fortalece sua unidade de ação e suas organizações sindicais, cria formas intersindicais de organização e, no curso de suas lutas, conquistará o direito de aperfeiçoar a estrutura de tipo vertical, coroando-a com a instituição legal da forma horizontal de organização sindical no âmbito do município e do Estado, até a central sindical unitária, que será a expressão da unidade nacional dos trabalhadores, a meta para a qual marcha o movimento operário brasileiro.

2) O proletariado é a força mais interessada na vitória da luta anti-imperialista e democrática do povo brasileiro, que abre caminho ao desenvolvimento independente do país e ao progresso social. Ao mesmo tempo que luta por suas reivindicações específicas e se fortalece como classe, o proletariado participa cada vez mais do movimento nacionalista.

Sómente apoiada nas massas trabalhadoras, em sua força organizada, em sua firmeza e consequência, somente dirigida pela classe operária, a revolução nacional e democrática poderá ser plenamente vitoriosa. Os comunistas têm a missão de desenvolver esforços ainda maiores para que o movimento operário assuma um papel sempre mais ativo na luta antiimperialista e democrática.

Compreendendo que o problema fundamental é a libertação do país do domínio imperialista, a classe operária se alia a todas as forças patrióticas, inclusive à burguesia, na luta contra o inimigo comum, a nação. É necessário impulsionar as lutas que vêm sendo travadas pelo movimento nacionalista com a participação do proletariado, em defesa da indústria nacio-

nal de construção naval, de material ferroviário de carroçarias e autopeças, como também os movimentos em defesa da Petróbrás, pela nacionalização das subsidiárias da Band and Share, pela denúncia das Notas Reversais de Roboré, etc.

A classe operária participa da luta pela modificação da atual política exterior do governo, devendo ser intensificados os esforços do movimento sindical para obter o estabelecimento das relações diplomáticas e comerciais com todos os países do campo socialista e, em especial, com a União Soviética e a República Popular da China. Os comunistas se esforçarão para que o movimento operário brasileiro contribua mais ativamente na luta pela paz mundial e pela coexistência pacífica, entre os países de diferentes regimes sociais.

As eleições que terão lugar em 1959 e 1960 darão uma nova oportunidade à classe operária para influir na vida política, através do voto. Os comunistas devem desenvolver um amplo trabalho de esclarecimento e de organização dos trabalhadores nos sindicatos, nas empresas e nos bairros operários com o objetivo de modificar a favor do povo a composição dos órgãos legislativos de muitos Estados e Municípios e concorrer para a eleição de um Presidente da República que represente as aspirações das forças nacionalistas e democráticas. Os comunistas não de esforçar-se, neste sentido, para tornar mais conscientes os votos dos trabalhadores da cidade e do campo.

É dever dos comunistas contribuir para que o proletariado, através de suas organizações, estreite seus laços com os camponeses, ajudando-os na realização de conferências e congressos, na organização de associações e cooperativas, na luta pelo reconhecimento por parte do Ministério do Trabalho, dos sindicatos de trabalhadores agrícolas. Os lavradores e os trabalhadores agrícolas necessitam da ajuda da classe operária para a luta pela reforma agrária, pela aplicação dos direitos já inscritos em lei, pela elaboração de uma legislação social para o campo, por melhores contratos de arrendamento, por mais escolas e assistência médica.

3) A contribuição do proletariado brasileiro à unidade do movimento operário no âmbito mundial e continental será mais positiva na medida em que progredir na consecução de sua própria unidade no plano nacional. Por isso, ao mesmo tempo que se esforçam para estreitar por todas as formas os contactos entre o movimento operário brasileiro e o internacional, os comunistas concentram seus esforços na luta pela unidade de ação e orgânica do movimento operário no Brasil.

Lutando pela propagação dos princípios e resoluções da Federação Sindical Mundial, os comunistas partem da realidade atual do movimento sindical brasileiro e compreendem que esses princípios e resoluções não podem ser impostos às diversas correntes que nele atuam. No atual estágio do processo de unidade e organização do proletariado no Brasil, tudo o que possa entravar esse processo deve ser evitado. A adesão do movimento sindical brasileiro a quaisquer organizações internacionais do proletariado só pode ser fruto da livre discussão e decisão dos trabalhadores, assim como da conquista, por estes,

de completa e ampla liberdade de associação não só no interior do país como no plano internacional. Em vista disso, os comunistas têm o dever de contribuir para que seja revogada, no curso das lutas operárias, a reacionária Lei 2.802, que oficializa a intervenção do governo no movimento operário e fere o princípio da liberdade sindical, ao estabelecer que «as entidades sindicais reconhecidas nos termos desta lei não poderão filiar-se a organização internacional, nem com ela manter relações, sem prévia licença concedida por decreto do Presidente da República».

Na maior parte dos países da América Latina, bem como em escala continental, o movimento sindical está dividido em várias centrais operárias, filiadas a diferentes organizações internacionais, ou sem filiação nenhuma no exterior, além de existirem diversos sindicatos paralelos e autônomos. Tal divisão é fomentada e utilizada, de um lado pelos imperialistas dos Estados Unidos, a fim de impedir que o proletariado se una e exerça o papel dirigente que lhe cabe nas lutas pela emancipação nacional e, de outro lado, pela burguesia, a fim de intensificar a exploração dos trabalhadores, atacar suas conquistas e direitos, impedir suas ações de solidariedade e sua unidade.

Nessa situação, a CTAL vem desempenhando, no movimento sindical latino-americano, um papel unitário de inegável importância, mas a experiência indica que, para progredir efetivamente no sentido da unidade do movimento operário, devemos ter em conta não apenas uma ou outra organização existente. É necessário considerar as diferentes correntes que atuam no movimento sindical em todos os países latino-americanos e que sejam capazes de participar em ações unitárias, independentemente de sua posição ideológica e filiação internacional. O importante hoje é não seguir uma política exclusivista, mas saber forjar as formas de entendimento que possibilitem fazer avançar a unidade de ação dos trabalhadores em torno de bandeiras comuns como a luta contra o subdesenvolvimento, pela democracia, a soberania nacional, as reivindicações imediatas dos operários e a paz mundial.

Devemos apoiar com ações de massa, em nosso país, os apêlos à unidade da Federação Sindical Mundial e da Confederação dos Trabalhadores da América Latina, dirigidos à CIOSL e à ORIT. A luta pela unidade sindical deve ser travada fundamentalmente pela base. É necessário que os trabalhadores reclamem diretamente à ORIT e à CIOSL o apoio às suas reivindicações econômicas, políticas e sociais, bem como ações concretas de solidariedade a suas lutas pelos direitos sindicais, uma posição clara contra a guerra, pela interdição das armas atômicas e de hidrogênio, contra o colonialismo. É preciso exigir dessas organizações que ponham fim a sua política de discriminação, abram suas portas e permitam que, nos seus congressos e conferências, legítimos representantes operários levantem sua voz. Os trabalhadores devem exigir que os atuais representantes brasileiros naquelas organizações atuem de acordo com os interesses do proletariado e prestem contas de suas atividades, como também da atuação da CIOSL e da ORIT, diante do movimento sindical brasileiro. Simultaneamente, é indispensável combater todas as idéias de caráter reformista e rea-

cionário que tais entidades procuram introduzir no movimento operário.

Não somos partidários da filiação das organizações sindicais à CIOSL e à ORIT, mas, em nossas condições, devemos desenvolver esforços para que o movimento sindical brasileiro participe com posição unitária e independente em todos os congressos sindicais internacionais, nêles levante suas reivindicações e, ao mesmo tempo, lute pelo restabelecimento da unidade sindical no plano mundial. Estamos certos de que a FSM sempre estará com as portas abertas para os trabalhadores brasileiros. Convictos da justiça da causa que defende a FSM, devemos contribuir para que o conjunto do movimento sindical brasileiro possa escolher acertadamente a posição a adotar.

Na atual situação do mundo, quando assistimos à maré enchente do socialismo e à decomposição do sistema imperialista, o proletariado terá forças para isolar todos os dirigentes e organizações divisionistas e impor uma orientação de classe, revolucionária, ao movimento sindical, separando o joio do trigo e consolidando sua unidade internacional.

4) Para que a política sindical dos comunistas seja realizada com êxito, é necessário que a atividade nos sindicatos deixe de ser tarefa apenas de alguns camaradas para se tornar tarefa de todos os comunistas. O trabalho sindical não pode repousar somente nas comissões e frações sindicais, mas, fundamentalmente, nas organizações de base e no conjunto do movimento comunista. Não se pode admitir, portanto, a não ser em casos excepcionais, que haja comunista fora do sindicato de sua profissão.

Uma grande responsabilidade cabe às organizações de base no esforço para unir e organizar os trabalhadores nas empresas e nos sindicatos. Os comunistas têm o dever de conhecer a fundo a situação dos operários, suas condições de vida e trabalho, seu estado de espírito, suas aspirações. Somente assim poderão empregar os argumentos adequados, capazes de unir os operários na luta pela solução dos seus problemas. Urge, pois, dedicar a maior atenção aos camaradas que atuam nas empresas e ajudá-los praticamente a cumprir suas tarefas.

As frações comunistas nos sindicatos, federações e confederações precisam ser reforçadas com quadros experientes e devem ser compostas normalmente com ativistas dessas organizações de massa. Os comunistas aspiram a participar das direções sindicais não por meio de manobras e imposições, mas através de competições democráticas em que as massas, livremente, escolham seus dirigentes. Longe de pretender monopolizar as direções dos sindicatos, os comunistas se esforçam por formar diretorias unitárias, com a participação de sindicalistas de várias tendências. Quanto mais liberdade os trabalhadores tiverem, melhor escolherão os dirigentes para os órgãos de classe, e estes gozarão de mais autoridade. Daí a necessidade de lutar pela observância da mais ampla democracia sindical. Os comunistas que dirigem organizações sindicais precisam demonstrar na prática sua fidelidade a toda prova aos interesses da classe operária, devem caracterizar-se pela atenção com que tratam os associados, pelo conhecimento dos problemas dos trabalhadores e da legislação Trabalhista, pela

iniciativa e habilidade na solução dos problemas do sindicato, fugindo ao burocratismo e apoiando-se sempre nas decisões democráticas das assembleias sindicais.

Os comunistas que dirigem organizações sindicais precisam receber assistência constante e eficiente. Maior atenção deve ser concedida à formação de quadros para a atividade sindical, através da organização de cursos específicos e do apoio às iniciativas que alguns sindicatos vêm tomando neste sentido. Um papel importante pode ser desempenhada também pela revista sindical mundial, pelos jornais sindicais editados em sindicatos, setores profissionais e empresas, e pela imprensa comunista, que constitui instrumento indispensável na educação política e ideológica dos camaradas dedicados ao trabalho sindical.

Um dever irrecusável do militante sindical comunista é esforçar-se diariamente para elevar a consciência de classe dos trabalhadores, combatendo com firmeza a influência das idéias propagadas pela burguesia e pelas correntes reacionárias para quebrantar o espírito de luta dos operários, dividi-los e colocá-los à reboque das classes dominantes. Neste sentido, muito contribuirá a divulgação da experiência do movimento operário internacional e, em particular, os êxitos alcançados pelos países socialistas.

No momento atual, quando todas as forças políticas não proletárias intensificam seus esforços para dirigir o movimento sindical e, com esse objetivo, levantam bandeiras de interesse operário e democrático, há dois perigos que devemos conhecer e evitar em nossa atuação. Existe o perigo de que os comunistas alimentem ilusões em relação aos objetivos das classes dominantes e, particularmente, da burguesia brasileira, e permitam que o movimento sindical seja influenciado por doutrinas estranhas aos interesses da classe operária, como o apolitismo dos sindicatos, a «paz social» entre operários e patrões, etc., o que significaria a liquidação do movimento operário independente. Os comunistas lutam para que no movimento operário predomine a ideologia da classe operária, e isto exige o combate permanente e sistemático às idéias alheias ao proletariado.

De outro lado, apresenta-se o perigo de que os comunistas assumam no movimento sindical uma posição sectária, a pretexto de não ficar a reboque da burguesia. O sectarismo só pode levar, no entanto, ao isolamento dos comunistas das massas sem filiação partidária e dos operários de outras tendências que atuam no movimento sindical. Uma posição sectária contribuiria não para garantir um curso conseqüente ao movimento sindical, mas para facilitar a direção desse movimento pela burguesia.

A posição justa para os comunistas consiste em realizar uma política unitária, capaz de coesionar os operários de diversas tendências em torno dos interesses comuns, e ao mesmo tempo contribuir para elevar a combatividade e a consciência de classe do proletariado. Assim, a classe operária, ao mesmo tempo que luta por suas reivindicações específicas e se reforça como classe independente, repelindo a direção ideológica estranha aos seus interesses, deve defender as exigências de todas as forças anti-imperialistas e democráticas, capacitando-se para cumprir o papel dirigente na vida política do país.

5) Agrava-se seriamente a situação da classe operária. Com a aplicação do Programa de Estabilização Monetária, o encarecimento do custo da vida alcança novos ritmos, jamais vistos no país. Aumentam, além dos preços dos viverses, as tarifas de transporte urbano e os aluguéis de casa, e os medicamentos atingem a preços de espoliação. A instrução é cada vez mais inacessível aos trabalhadores e seus filhos. Os novos níveis de salário mínimo são rapidamente abatidos em seu valor real e, ao mesmo tempo que os lucros dos grandes capitalistas estrangeiros e nacionais atingem a cifras fabulosas, o salário médio aproxima-se cada vez mais do mínimo e reduz-se drasticamente a diferença que o separa do salário profissional e especializado. Na maioria dos Estados aumenta o desemprego parcial e os licenciamentos de trabalhadores e, particularmente no Nordeste, numerosas fábricas reduzem o número de operários ou diminuem o número de dias de trabalho, chegando muitas a fechar suas portas. Aumenta a intensificação do ritmo de trabalho em todas as empresas e a modernização das fábricas vem acompanhada de novas e mais brutais formas de exploração, de crescente subordinação do salário à obrigação de uma maior produtividade, da substituição do trabalho do homem pelo de mulheres e menores. A baixa cada vez mais rápida do salário real força o proletariado a fazer horas extraordinárias, ou procurar outras ocupações remuneradas, o que leva à abolição na prática do preceito legal que limita a 8 horas a jornada diária e significa séria ameaça à saúde e à vida dos trabalhadores. Mais grave ainda é a situação dos assalariados agrícolas que, além dos baixos salários, não gozam dos direitos assegurados em lei.

Semelhante situação cria entre as massas trabalhadoras um descontentamento geral e profundo, acentuado cada vez mais com a crescente desrespeito às conquistas sociais, inclusive ao salário mínimo, e com a situação calamitosa a que chegou a previdência social. As perspectivas são, portanto, de intensificação das lutas do proletariado contra os aspectos reacionários da política econômica e financeira que o governo do sr. Kubitschek vem realizando e, ao mesmo tempo, de combates cada vez

mais sérios contra a exploração patronal, particularmente pelas seguintes reivindicações de maior atualidade:

A) Contenção da carestia da vida. Os trabalhadores exigem medidas concretas de combate à alta dos preços: participação de representantes dos sindicatos nos órgãos governamentais de abastecimento e controle de preços, política tributária que, ao invés de majorar sucessivamente os impostos indiretos, grave mais fortemente os altos rendimentos e os lucros das empresas estrangeiras; ampliação da rede de armazéns do Estado, assim como o fornecimento pelo governo, aos pequenos e médios comerciantes e às cooperativas de consumo, de gêneros a preços mais baixos, a fim de livrá-los dos intermediários especuladores; garantia de preços mínimos, assistência técnica e financeira e facilidade de acesso à terra aos produtores agrícolas, com o objetivo de fomentar a produção de gêneros destinados ao consumo popular.

B) Reajustamento geral dos salários. Ao mesmo tempo que exigem o aumento dos salários, sobretudo por ocasião do término dos acordos salariais no segundo semestre deste ano, os trabalhadores pugnam por um salário profissional justo, assim como pela extensão, a todos os trabalhadores, do salário-família de que gozam os servidores públicos. Exigem também a modificação da lei do salário mínimo, com vistas a garantir a revisão anual do salário mínimo e sua extensão à família, como prescreve o item I do artigo 157 da Constituição; a inclusão das despesas efetuadas com a instrução, a recreação e as contribuições para a previdência social; a vigência do salário mínimo a partir da data de sua decretação. Simultaneamente, continuará no movimento sindical o debate sobre a instituição da «escala móvel de salários», já aprovada em alguns congressos sindicais, mas insuficientemente discutida pelo conjunto do movimento operário.

C) Lei Orgânica da Previdência Social. Os trabalhadores prosseguirão a luta pela aprovação do projeto em curso no Senado e que objetiva aperfeiçoar o sistema previdenciário. Ao mesmo tempo, exigem a moralização das

instituições de previdência, assim como a participação de representantes operários na direção das mesmas. Não podem aceitar a pretendida majoração das taxas de contribuição e criticam a posição do governo, exposta em discurso pronunciado no Senado pelo Ministro do Trabalho, no qual se manifestou contrário à aprovação do projeto de Lei Orgânica. É necessário, de outro lado, prosseguir a luta pela imediata aplicação da lei que estendeu a todos os trabalhadores os benefícios da aposentadoria integral de que já gozam os bancários, e exigir o pagamento das dívidas do governo às instituições de previdência social.

D) Aperfeiçoamento da legislação trabalhista. Assume primordial importância a mobilização e luta dos sindicatos pela aprovação do projeto de lei que regulamenta democraticamente o direito de greve e revoga o decreto 9.070, bem como contra as tentativas de revigoração do atestado de ideologia e qualquer cerceamento às liberdades sindicais.

Na luta pelo aperfeiçoamento da estrutura sindical é necessário pugnar para que se estabeleça como norma a criação de federações e confederações e a reestruturação das mesmas em congressos e conferências; que os sindicatos criem representações nos locais de trabalho, tendo como principal objetivo fiscalizar a execução das leis e auxiliá-los na realização das tarefas sindicais; que, de acordo com a portaria n. 126 de 28-6-58, todos os sindicatos, federações e confederações procedam à modificação de seus Estatutos, inserindo nos mesmos as conquistas democráticas obtidas pelo movimento sindical e que dão maior autonomia às entidades; estas modificações devem ter em conta as condições concretas de cada categoria profissional; que sejam incluídas nos projetos de lei em curso, ou em lei especial, garantias para os diretores de sindicatos e delegados sindicais, assegurando sua permanência no emprego e respeito à execução de suas funções; que seja contado nas empresas como serviço ativo, para todos os efeitos previstos em lei, o tempo em que qualquer associado fôr chamado pela classe a exercer funções sindicais que o obriguem a licenciar-se da produção.



AO LADO DE TÓDAS AS FORÇAS PROGRESSISTAS, O PROLETARIADO CONTINUARÁ A LUTAR PELA MODIFICAÇÃO DA POLÍTICA INTERNA E EXTERNA DO GOVERNO, PELO DESLOCAMENTO DOS ELEMENTOS ENTREGUISTAS DAS POSIÇÕES QUE OCUPAM NO APARELHO DO ESTADO E PELA FORMA-

ÇÃO DE UM GOVERNO NACIONALISTA E DEMOCRÁTICO.

NA LUTA POR SUAS REIVINDICAÇÕES, NOVOS PASSOS SERÃO DADOS PELO PROLETARIADO NO SENTIDO DE FORTALECER A UNIDADE E A ORGANIZAÇÃO SINDICAL. O SENTIDO EM QUE SE DESENVOLVE A SITUAÇÃO POLÍTICA, É

FAVORÁVEL AOS TRABALHADORES. A CONQUISTA DE NOVOS ÊXITOS PELA CLASSE OPERÁRIA DEPENDE DA CAPACIDADE DE UNIR-SE NA LUTA PELOS SEUS INTERESSES ESPECÍFICOS E DE FUNDIR SEUS ESFORÇOS AOS DE TODO O POVO BRASILEIRO NA LUTA PELOS INTERESSES GERAIS DA NAÇÃO